

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU - CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS - DL
CURSO DE LETRAS

ZITA HOLANDA DE PAIVA

HUMOR E REGIONALISMO:
UM ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA *FANPAGE* “BODE GAIATO”

PATU
2017

ZITA HOLANDA DE PAIVA

**HUMOR E REGIONALISMO:
UM ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA *FANPAGE* “BODE GAIATO”**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras do *Campus* Avançado de Patu da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientadora:

Prof^ª: Ma. Antonia Sueli da Silva Gomes Temóteo

PATU

2017

Catlogação da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

P149h Paiva, Zita Holanda de

Humor e Regionalismo: Um estudo da Variação
Linguística na fanpage do "Bode Gaiato". / Zita Holanda de
Paiva. - PATU, 2017.

62p.

Orientador(a): Profa. M^a. Antonia Sueli da Silva Gomes
Temóteo.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Variações Linguísticas. 2. Mídia Social. 3. Fanpage.
4. Bode Gaiato.. I. Temóteo, Antonia Sueli da Silva Gomes.
II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III.
Título.

ZITA HOLANDA DE PAIVA

HUMOR E REGIONALISMO:

Um estudo da variação linguística na *fanpage* “Bode Gaiato”

A presente monografia foi aceita pelo Departamento de Letras do *Campus* Avançado de Patu da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Letras, sendo aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, abaixo especificada.

Aprovado em __/____/ 2017

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Ms. Antonia Sueli Gomes Temóteo
Orientadora
(CAP-UERN)

Prof^º. Dr. Francisco Vieira da Silva
Examinadora 1
(UFERSA)

Prof^ª. Dra. Maria da Luz Duarte leite Silva
Examinadora 2
(CAP-UERN)

Aos meus pais, em especial, a minha mãe que, em meio às dificuldades que a vida nos atribuiu, sempre tentaram dar o melhor para seus sete filhos, incentivando-os a seguir a vida com dignidade, respeito e muito amor pelo próximo e sempre priorizando o nosso estudo.

A minha filha (Melina), por ser a minha inspiração.

Muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

A princípio, agradeço a Deus por guiar meus passos e iluminar minha caminhada, proporcionando-me forças e determinação em todos os momentos, por não ter permitido que os obstáculos que veio a surgir no decorrer do Curso, fossem um empecilho para não dá continuidade com o meu sonho.

Agradeço aos meus pais, e especialmente a minha mãe, Luzia, que contribuiu e compreendeu a minha pretensão de dar continuação aos meus estudos. Hoje, dedicando-se a cuidar, incondicionalmente, da minha filha, que é um bebê de 4 meses.

Ao meu esposo, Marcos, que sempre me incentivou a realizar esse sonho com sua compreensão e dedicação.

Ao meus irmãos e irmãs, pela amizade, companheirismo e por estarem comigo sempre que preciso e que sempre me ajudaram sem medir esforços. Minha família são meus exemplos de vida. Obrigada, pelo apoio.

Aos meus amigos (as) que sempre me apoiaram e vibram com as minhas conquistas, durante todos esses anos. Principalmente, as amigas “irmã”, Leila e Clébia. Obrigada, pela força.

Aos meus colegas da faculdade que, durante todos esses anos, não só me ajudaram, como também tornaram meus dias mais alegres. Especialmente a João Eudes, Girlene, Leane e Thaisa. Vocês conquistaram o meu respeito e uma admiração incontestáveis. Juntos formamos um grupo inseparável. Obrigada, pelo companheirismo!

A minha orientadora, prof. Ma. Sueli Temóteo, que se mostrou extremamente competente e compreensiva. Obrigada por ter me escolhido como orientanda e ter acreditado, confiando em minhas capacidades e possibilitando novas aprendizagens.

A todos os meus professores, em especial a Dr. Ananias Agostino, Ma. Larissa Viana, Ma. Gorete Paulo, Ms. Fernando Guedes, Dra. Cláudia Tomé que contribuíram, através das discussões e reflexões realizadas, para meu crescimento pessoal e profissional.

À banca, que é composta por duas pessoas que tenho total respeito e uma admiração incontestável: Dra. Maria da Luz Duarte, um exemplo a ser seguido, não só como profissional, mas como amiga; Dr. Francisco Viera da Silva, que só precisou ministrar uma disciplina para ter o meu respeito, um excelente profissional, uma pessoa simples, humilde.

A UERN, por ter dado a oportunidade de me qualificar como professora e aperfeiçoar os meus conhecimentos como bolsista do PIBID.

Obrigada, a todos, por tudo!

“O que acontece é que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico”.

Marcos Bagno

RESUMO

O estudo das variações linguísticas não aparece de forma homogênea, apresenta modificações de acordo com algumas variantes: região geográfica, sexo, idade, condição social, nível de escolaridade entre outros. Nessa perspectiva, o desenvolvimento desta pesquisa teve como objetivo analisar o fenômeno da variação linguística inserida nas publicações da fanpage do “Bode Gaiato”, criada por Breno de Melo, na rede social *Facebook*. Analisamos as publicações titulada como as mais curtidas, compartilhadas e comentadas do ano de 2016, do casal Bio e Zefa, destacando o humor e o regionalismo em suas falas, na qual se compreende que as escolhas linguísticas em algumas ocasiões não são compreendidas para os sujeitos que não fazem parte daquele grupo social. Por meio de uma pesquisa indutiva, qualitativa do tipo bibliográfica, fundamentada nas discussões teóricas de Kersch (2016), Kress e Van Leeuwen (1996), Bagno (2004, 2007, 2015), Labov (2008), dentre outros, ressalta-se a ideia de que o caráter visual está cada vez mais refletido nos textos, ao se associar a linguagem verbal e a não verbal, contribuindo, assim, significativamente para a constituição dos sentidos que lhes possa ser atribuídos, tendo como preceito que a fala dos brasileiros não é definitivamente igual, resultando em aspectos distintos de variação. Nos resultados da análise, foi possível constatar a forma como essas publicações descrevem as variações na língua, nos falares regionais do Nordeste brasileiro de forma humorada e que o português brasileiro é uma língua heterogênea, seja no ponto de vista falado, seja na forma escrita.

Palavras-chave: Variações Linguísticas. Mídia Social. Fanpage. Bode Gaiato.

ABSTRACT

The study of linguistic variations does not appear homogeneously, it presents modifications according to some variants: geographical region, sex, age, social condition, educational level among others. In this perspective, the development of this research had as objective to analyze the phenomenon of the linguistic variation inserted in the publications of the fanpage of the "Bode Gaiato", created by Breno de Melo, in the social network Facebook. We analyzed the publications titled as the most likes, shared and commented of the year 2016, of the couple Bio and Zefa, highlighting the humor and regionalism in their speech, in which it is understood that the linguistic choices in some occasions are not understood for the subjects who are not part of that social group. By means of an inductive, qualitative research of the bibliographic type, based on the theoretical discussions of Kersch (2016), Kress and Van Leeuwen (1996), Bagno (2004, 2007, 2015), Labov (2008), and others, it is emphasized the idea that visual character is increasingly reflected in the texts, by associating verbal and non-verbal language, thus contributing significantly to the constitution of the meanings that can be attributed to them, having as a precept that the speech of Brazilians is definitely not the same, resulting in distinct aspects of variation. In the results of the analysis, it was possible to verify the way these publications describe variations in the language, in the regional discourses of the Brazilian Northeast in a humorous way and that Brazilian Portuguese is a heterogeneous language, either in spoken or written form.

Keywords: Language Variations. Social media. Fan page. Bode Gaiato

LISTAS DE FIGURAS

1– Figura.....	43
2 – Figura.....	44
3 – Figura.....	45
4 – Figura.....	46
5 – Figura.....	47
6 – Figura.....	48
7 – Figura.....	49
8 – Figura.....	50
9 – Figura.....	51
10 - Figura	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OS GÊNEROS DIGITAIS NA MÍDIA SOCIAL: CONTEXTO DE INSERÇÃO	15
2.1 OS GÊNEROS MULTIMODAIS	16
2.2 MULTILETRAMENTO E MÍDIA SOCIAL	20
2.3 HUMOR E INFORMALIDADE NA PRODUÇÃO DE <i>FANPAGES</i> E OUTROS GÊNEROS DIGITAIS	23
3 A <i>FANPAGE</i> “BODE GAIATO” NO CONTEXTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	28
3.1 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS	29
3.2 A INFLUÊNCIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA PRODUÇÃO DE GÊNEROS DA MÍDIA SOCIAL	34
3.3 “BODE GAIATO”: O CONTEXTO DA PESQUISA	38
4 UMA VISÃO ANÁLITICA DO CONTEXTO INVESTIGADO.....	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	57

1 INTRODUÇÃO

O estudo das variações linguísticas surgiu no final de 1960 proporcionando um novo entendimento sobre a língua. Saussure (1969) diz que a língua é um fato social, uma regra convencional que o falante adquire no meio em que vive. O linguista destaca ainda que a linguagem é vista como um fator que admite ao sujeito a construção da língua, ou seja, a língua passa a ser caracterizada como um produto social. Bagno (2015) enfatiza que a língua era vista como um sistema homogêneo, individual, em que não ocorre mudanças, apenas a norma-padrão é homogênea e passa a ser heterogênea, porque está consecutivamente em construção, evoluindo dia após dia, passando a assumir um caráter heterogêneo.

A variação linguística é própria, pois não tem como estudar a língua sem estudar a sociedade onde é falada. Desse modo, as variações de uma língua podem aparecer de acordo com a região geográfica do indivíduo, ocorrendo de forma ordenada, não de forma aleatória, sendo descrita como um acontecimento pelo qual, na prática corrente de um determinado grupo social, em um período e em certo lugar, uma língua jamais é semelhante ao que ela é em outra época e em outro lugar, no método de outro grupo social.

Bagno (2007, p. 44-45) diz que:

A variação linguística não ocorre somente no modo de falar das diferentes comunidades, dos grupos sociais, quando a gente compara uns com os outros. Ela também se mostra no comportamento linguístico de cada indivíduo, de cada falante da língua. Nós variamos o nosso modo de fala, individualmente, de maneira mais consciente ou menos consciente, conforme a situação de interação em que nos encontramos.

Com base no discutido compreendemos que as variações linguísticas obedecem à concretização de uma escolha entre as necessidades linguísticas, decorrentes do estilo de linguagem das pessoas em um determinado país ou em uma região já que não falam da mesma forma, cada comunidade com seu estilo de linguagem, em resultado de posições e interesses exclusivos. A evolução que a língua vem adquirindo constantemente e as necessidades conforme as precisões que os falantes de uma língua possuem, vem redefinindo conceitos do que é certo e do que venha a ser errado no uso da Língua Portuguesa falada no Brasil.

Os brasileiros não têm um padrão idêntico em apresentar a linguagem em relação as variações linguísticas. O português falado no Brasil apresenta características heterogêneas na língua, tanto falada quanto escrita. De acordo com Geraldi (1997, p. 50), “a língua é o conjunto das variedades utilizadas por uma determinada comunidade, reconhecidas como heterogêneas.

Isto é, formas diversas entre si, mas pertencentes à mesma língua”, ou seja, a homogeneidade é quase inatingível quando se trata do ser humano, por mais que existam variações em uma determinada sociedade, a língua vai permanecer exercendo a função de não ser melhor e nem pior que as línguas faladas em outras comunidades. Desse modo, as diferenças que existem no discurso oral e escrito não impedem que ocorra comunicação entre os interlocutores quando se conversa com alguém de outra origem geográfica.

Com base nas concepções supracitadas, o objetivo geral desta pesquisa é fazer uma análise abordando como se constrói o sentido e o senso crítico das variações linguísticas na página virtual do “Bode Gaiato” no *Facebook*, destacando o humor e o regionalismo nas falas do casal Bio e Zefa.

Como apoio, na constituição do objetivo geral, é necessário que passemos por etapas de análises, para as quais definimos como objetivos específicos: identificar e descrever as variantes linguísticas dos personagens Bio e Zefa da página do Bode Gaiato no *Facebook*; descrever as formas como as variações linguísticas são empregadas pelo casal Bio e Zefa; compreender as variações linguísticas empregadas pelo casal Bio e Zefa nas publicações da página do *Facebook*.

Dessa forma, o estudo é orientado pelas seguintes questões: Quais as variações linguísticas empregadas nas falas do casal Bio e Zefa? Como podem ser descritas as variações linguísticas na relação do casal Bio e Zefa, na página do Bode Gaiato no *Facebook*? E como as variações linguísticas são utilizadas pelo casal Bio e Zefa, nessas publicações?

Assim definidos, esses objetivos permitem-nos obter uma visão mais ampla, no desenvolvimento deste trabalho, cuja intenção é evidenciar a importância das variações linguísticas presentes nas falas dos personagens quando interagem com seus interlocutores virtuais, e entender o fato de tornar público, numa rede social, características linguísticas tão precisas, através das quais o nordestino, especialmente aquele que reside no interior, identifica-se, nas situações apresentadas.

Isso posto, por compreendermos que a importância do estudo sobre as variações linguísticas justifica pela necessidade de reflexão sobre a grande projeção que o letramento digital ofereceu aos grupos sociais, antes marginalizados pelo seu distanciamento dos referenciais linguísticos e pelo preconceito regional que os isolava, em razão de suas falas e dos usos que fazem da língua. As redes sociais e, de modo particular, o *Facebook*, deram visibilidade ao modo pitoresco como se comunicam esses grupos sociais, seus modos, sua compreensão da língua, suas intenções comunicativas, tudo isso com um humor escancarado e

uma crítica severa ao utilitarismo político e social da língua na formação de classes e na conservação do elitismo da língua. Essa reflexão nos guia para um entendimento mais amplo dos usos da língua, tendo como base Marcuschi e Xavier (2010). Essa democratização aponta para o princípio relacional e comunicativo que confere a todo sujeito autonomia e ciência de seu papel na sociedade. Bagno (2008) nos leva a refletir sobre a língua como um sistema que está inserido no campo cultural, levando o sujeito a pensar em que níveis a língua pode variar para atender os intentos de quem dela se utiliza.

Para análise e interpretação dos registros selecionados na referida página, recorreremos à pesquisa de cunho qualitativo, pois não visamos a mensuração de dados nem trabalhamos com estatísticas. Nossa intenção é fazer uma análise interpretativa da variação linguística presente nas falas do casal Bio e Zefa, no contexto em que elas se apresentam. Nesse caso, nosso interesse ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto, (LUDKE; ANDRÉ, 2004).

Quanto aos objetivos, podemos dizer que se trata de uma pesquisa descritiva que ilumina os documentos que serão apreciados, para isso nos respaldamos em Andrade (2009). E, por conseguinte também se trata de uma pesquisa bibliográfica, pois a fortuna crítica do tema em questão será criteriosamente estudada a partir do que orientam os dados. Lançamos luz sobre o fenômeno das variações linguísticas presentes na fanpage de Breno Melo, justificando as razões por que o autor se utiliza dessa linguagem mais despojada para se comunicar com os internautas. Essa pesquisa aparece como a mais indicada pois “tem como objetivo aprofundar o conhecimento da realidade, procurando a razão e o ‘porquê’ das coisas”. (ANDRADE 2009, p. 20).

Em face das leituras realizadas, caracterizamos a pesquisa como indutiva, pois, segundo Andrade (2009), é uma pesquisa que parte do particular para leis mais gerais, nossas ações partem de um olhar sobre os nossos dados para depois confrontá-los com as discussões teóricas pertinentes a este estudo.

Para subsidiar o desenvolvimento desta pesquisa, iremos discutir sobre os gêneros multimodais e multiletramento na mídia social na concepção de Kersch (2016), Kress e Van Leeuwen (1996), as variações linguísticas com Bagno (2015, 2004, 2007) e Fiorin (2006) e sobre a interação verbal de Marcuchi e Xavier (2010) e outros que enfatizam sobre a necessidade de refletir a respeito da influência mútua do indivíduo, destacando o humor e a linguagem regionalista na página virtual do *Facebook* “Bode Gaiato”.

No que diz respeito a edição, organização e confecção, esta pesquisa encontra-se organizada da seguinte forma: introdução – local em que estão inseridos os principais aspectos que norteiam a pesquisa como a contextualização, a temática, os objetivos, questões e o tipo de pesquisa; além da introdução, o texto encontra-se dividido em dois capítulos. O primeiro capítulo constitui a contextualização do tema como mídia social, uma abordagem sobre os gêneros multimodais, multiletramento e mídia social e o humor e informalidade na produção de fanpage. O segundo capítulo relata a variação linguística, apresentando a definição e as marcas linguísticas, a influência na produção de gênero e mídia social e uma apresentação da página do “Bode Gaiato”. Seguindo com uma análise das dez publicações mais curtidas no ano de 2016 de fanpage do “Bode Gaiato”, no *Facebook*. Por fim, as Considerações finais destacam os principais pontos da pesquisa, focalizando os objetivos e as questões do estudo, refletindo sobre as decorrências do preconceito linguístico na mídia social.

2 OS GÊNEROS DIGITAIS NA MÍDIA SOCIAL: CONTEXTO DE INSERÇÃO

Nos métodos sociais pós-modernos, o sujeito está cada dia mais expostos à leitura de textos que compõem a escrita, o conceito, o desenho, a imagens, o som etc., com significações variadas. Nesse sentido, nos últimos tempos, pesquisas foram realizadas em diversos fluxos da linguística, no qual, parte dos estudos linguísticos são referente às práticas do (multi) letramento, bem como utensílio de aprendizado para a cidadania.

Nesta ótica, o intuito deste estudo é abordar os conceitos que excedem os códigos linguísticos apresentando as diferentes modalidades semióticas como produtoras de sentido do texto. Os autores Kress e Van Leeuwen (1996) abordam a semiótica social, que podem ser empregados em qualquer gênero, como os métodos de leitura e conceitos multimodais, que recomendam um entendimento acerca da linguagem, com sentido prévio decorrente da semelhança textual proposto entre os diversos estilos carregados de composição, fundamentada aos conhecimentos na utilização de múltiplos recursos semióticos na produção das mensagens sociais. Nesse mundo multimodal da informalidade e comunicação, em que os gêneros multimodais trazem elementos característicos que apresentam aspectos da realidade social nas produções e definições de sentido dos elementos pré-textual e textual, somente a leitura de textos verbais não são suficientes, pois incide em desenvolver técnicas de letramentos para ampliar as habilidades exclusivas de leitura de imagens em diversas semioses.

Desse modo, as práticas de ensinamentos e de aprendizados que estão inseridos nos gêneros multimodais com um contexto multiletrado carregado de humor, como por exemplo, as tiras, as charges, as fanpages, os memes, as propagandas, quando não são apresentadas suas informações verbais e visuais considerando a concepção completa do enunciado, corre o risco do entendimento ser prejudicado, pois ambos os gêneros apresentam sentidos variados, textos com duplo sentido, em que podem ser apresentados em forma de humor/crítica ao mesmo tempo, e podem ser textos que abordem acontecimentos atuais com o intuito de denunciar/relatar. Para Dionísio (2006, p. 160), os textos multimodais, relacionados ao fato de que a sociedade está cada vez mais visual, “são textos especialmente construídos que revelam as nossas relações com a sociedade e com o que a sociedade representa”. Ou seja, o conceito de multimodalidade passa a ser indispensável para avaliar a inter-relação entre texto escrito, imagens e outros elementos gráficos, além de permitir o entendimento dos sentidos sociais estabelecidos por esses textos, bem como a sua relevância nas práticas de letramento.

Realizamos, assim, um apanhado bibliográfico referente aos gêneros multimodais, aos multiltrimentos na mídia social e ao humor em uma perspectiva de abordar conteúdos que propiciem desenvolver técnicas e habilidades para compreensão e ensinamentos do que os gêneros multimodais, quando circulam na mídia social, permitem que o indivíduo conheça e identifique sobre a importância das tecnologias digitais, as quais, para serem entendidas e utilizadas adequadamente, exigem um rol de concepções do sujeito, relativas a uma sociedade letrada que deve primar pela inclusão do sujeito nas práticas sociais que a circundam. A inclusão dessas tecnologias abrange, nas interações sociais, técnicas que vão além dos conhecimentos que envolve código escrito e imagem. Dessa forma, baseados nos estudos de Kersch (2016), Kress e Van Leeuwen (1996), Possenti (2010) e outros, compreendemos que é indispensável a interação sobre as modalidades e as ferramentas diversificadas para permanecer em harmonia com as práticas sociais da era tecnológica.

2.1 OS GÊNEROS MULTIMODAIS

Tendo como referencial os gêneros textuais virtuais nesse contexto de mudanças e instabilidade de conceitos e opiniões, de avanço tecnológico e evolução no meio de comunicação, surgem momentaneamente novas formas de comunicação, carregadas de variações, que, para Lévy (1999) trata-se de um mundo virtual, um meio prático de proporcionar uma influência mútua entre as mais variadas personalidades.

Nesse universo, a Internet tem se tornado um dos meios de difusão de mensagens mais acessíveis e, desse modo, sua linguagem também se propagou e tornou-se globalizada. O uso da língua nos ambientes virtuais parece instaurar uma nova prática de modalidade de linguagem. Em se tratando de gêneros textuais virtuais, o hipertexto é definido como o estilo mais comum de escrita, principalmente quando se evidencia uma conversa entre duas ou mais pessoas mediadas pela internet (ARAÚJO, 2009). Em um texto deste nível, a escrita passa a ser representada por uma infinidade de símbolos, imagem, sons e, ainda, pelo texto gráfico. Como aponta Marcuschi (2004), ao afirmar que o hipertexto está relacionado com a forma de produção textual dos ambientes digitais ou virtuais, em que se expande por vários gêneros, atribuindo-lhes algumas características específicas. A opinião do autor ganha força nas palavras de Maciel (2008, p. 03) quando caracteriza os gêneros textuais:

Os gêneros textuais virtuais são, geralmente, caracterizados pela forma e pelo conteúdo. Isso ocorre através de um conjunto de aspectos e de funcionalidade, tais

como a hipertextualidade, a interatividade e a democratização do acesso, pois qualquer um pode estabelecer comunicação com os gêneros digitais. Hoje, mesmo que haja pessoas que não disponham de um computador, elas podem acessar a rede em terminais públicos, em bibliotecas, livrarias e em instituições governamentais e não-governamentais.

Percebemos a partir da fala de Maciel (2008) que a difusão dos gêneros digitais foi tamanha que exigiu de seus usuários e apologistas um modo particular de interagir. Figura entre os internautas de todas as idades o que se convencionou chamar de “internetês”. O internetês se apresenta como uma fusão entre a linguagem oral e a escrita, uma vez que escreve-se como se fala, seguindo a oralidade das palavras e não sua ortografia, conforme define Maciel (2008), ou seja, em um texto virtual, a escrita passa a ser representada por uma infinidade de imagens, de símbolos, sons e ainda abrandando o texto gráfico.

O gênero é uma categoria que se encontra consecutivamente em mudanças, Bakhtin (1992) define o gênero como um conjunto relativamente estáveis de enunciados preparados pelos diferentes campos de uso da língua, marcado pela esfera comunicativa. Uma das definições que Bazerman (2011) aponta é que o gênero faz parte de fatores sociais atribuídos nas atividades de compreensão intersubjetiva em ocasiões simbólicas que deve classificar atividades e compartilhar significados, considerando intenções objetivas. O autor diz ainda que os gêneros são fatos sociais atribuídos aos variados atos de fala que o indivíduo pode realizar e sobre a forma de como são realizados.

Bazerman (2011, p. 65) destaca ainda que:

O gênero parece ser um mecanismo constitutivo na formação, manutenção e realização da sociedade, da cultura, da psicologia, da imaginação, da consciência, da personalidade e do conhecimento, interativo com todos os outros processos que formam nossas vidas.

Em outras palavras, o autor enfatiza que os gêneros estão inseridos nas mais variadas áreas de estudos, envolvendo-os em uma tipificação de discursos para os procedimentos básicos na concepção do sentido, nas mudanças existentes envolvendo as relações e os papéis profissionais e institucionais, ao surgimento de princípios e identidades profissionais onde o indivíduo se encontra. Para Cope e Kalantzis (2000), as mudanças que abrangem o ambiente de comunicação atual nos induzem a um novo olhar para percepção da linguagem em mostrar aspectos de definições linguísticas, em que a linguagem é invariavelmente multimodal e que a escrita é visualmente ilustrada, e que a oralidade traz áudios com uma qualidade fundamentalmente importante.

Ao longo dos tempos, a linguagem atual dá ênfase a uma modalidade distinta da escrita, onde caminhos para a leitura passou por diversas mudanças. Segundo Sé (2008, p. 1), linguagens multimodais são aquelas que “empregam duas ou mais modalidades de formas linguísticas, a composição da linguagem verbal e não verbal com o objetivo de proporcionar uma melhor inserção do leitor no mundo contemporâneo”. Ou seja, a linguagem dos textos multimodais junta apontamentos da linguagem visual e verbal, desde a escrita aos dados imagéticos das cores e dos desenhos. Diante dessa concepção, discorrer sobre leitura multimodal é compreender novas formas de ler e desvendar os sentidos presentes nos textos, nas imagens e até nos gestos. Marengo (2014) salienta ainda que a capacidade de leitura multimodal é a competência que cada indivíduo tem para interagir com os múltiplos estilos, existente em diversas esferas de gêneros multimodais.

Kersch (2016, p. 19) também considera:

A expansão dos textos multimodais a partir dos meios de informação e de comunicação, esses textos exigem do leitor habilidades para lidar com a multiplicidade de linguagens, semioses e modos para deles fazer sentido. A interfase com o visual, oral, gestual, tátil e outros recursos semióticos tem se tornado imprescindível na formação de gêneros textuais que circulam socialmente.

Diante desse contexto, ao depararmos com a circulação dos gêneros multimodais na sociedade, é necessário pensar a respeito da leitura dos textos pelo viés de sua composição e da fala que se desenvolve em sua criação e circulação. No entanto, precisa-se desenvolver habilidades e ter disposições para poder assimilar e entender as diversidades culturais e características existentes nos textos multimodais Kress e Van Leeuwen (1996). Os autores dizem que os textos multimodais são aqueles em que o significado se realiza por códigos semióticos, nos quais diversos estilos semióticos fazem parte da produção ou da leitura dos textos, em que toda as modalidades apresentam particularidades/especialidades nos aspectos de comunicação, seja nas produções culturais, em que o leitor e o produtor tem controle sobre os textos, ou na convergência de fatores históricos sociais e culturais, que o produtor aborda o contexto comunicativo dos códigos semióticos.

Para Kress e Van Leeuwen (1996), os textos multimodais são reconhecidos pelas múltiplas articulações na produção de significados que existem inclusos nas modalidades ou nas possibilidades de análise que deverão introduzir algumas categorias que tornam mais evidente os princípios e a preparação dos recursos semióticos na era da mídia, envolvendo a comunicação e a informação. As categorias que se destacam na era multimodal são: o design, a produção e a distribuição.

Kress e Van Leeuwen (2001, p.45) conceituam a categoria *design* como uma prática produtiva e reflexiva para os “próprios recursos semióticos ou o uso desses recursos. É a combinação de todos os modos semióticos utilizados que faz o design”. Para os autores essa categoria foi desenvolvida a partir das combinações e das informações estabelecidas socialmente, em que só pode ser alterado diante de influência social. Ou seja, é preciso levar em consideração as informações, os valores e a ideologia que os recursos não verbais apresentam criticamente sobre os textos e as imagens.

Para definir produção, os autores Kress e Van Leeuwen (2001, p. 66) salientam que “a produção pode estabelecer correspondências entre a qualidade material percebida por diferentes órgãos sensoriais”. Em outras palavras, constitui a forma de como o material é criado para ser espalhado e como o leitor faz a interpretação desse material, sem deixar de averiguar os procedimentos de produção e de distribuição desse material para não comprometer na interpretação do leitor. A leitura apresenta significados, podendo considerar a interpretação como um trabalho físico que se concretiza através dos órgãos sensoriais.

A distribuição é a forma como o produto é conduzido para o mercado, (KRESS E VAN LEEUWEN, 2001). Nesses termos, falar em distribuição é distinguir e apresentar o uso e os meios tecnológicos na arte de transmissão e preservação do produto, levando em consideração os serviços de mudanças e invenção, além dos aspectos de reproduções e influência mútua do produto. “A distribuição, também, refere-se à transferência técnica dos produtos semióticos e eventos para propósitos de gravação” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2001, p. 67). Ou seja, os aspectos de distribuição, transferência e transmissão são previamente afastados, podendo ser tratados como no caso dos computadores que, ao mesmo tempo em que faz a transmissão de mensagens, podem estar sendo armazenando em uma única operação.

Do ponto de vista que os autores Kress e Van Leeuwen (2001) apresentam sobre as categorias, é importante analisar a forma de como o leitor faz as interpretações dos textos e que todos os textos produzem conteúdo dos mais variados gêneros e com propósitos diversificados, podem ser lidos por todos os tipos de leitores, mas que cada leitor proporciona uma interpretação diferente, pois não se pode desconsiderar que todos os tipos de textos é desenvolvido e delimitado com uma linguagem adequada para um público alvo e que a escrita e a leitura dos textos acarretam ainda o uso de tecnologia (a internet) e equipamento (computadores, teclados e uso do corretor de textos) para a exploração de recursos multimodais e hipertextos digitais.

Para Kersch (2016, p. 7),

É preciso que os leitores saibam enveredar pelos inúmeros sites, blogs, propagandas, programas, aplicativos e ambientes, de forma a cumprir seu objetivo. Eles precisam compreender os textos, selecionando as informações pertinentes, separando o que é confiável do que é suspeito ou não parece seguro. Precisam compreender e analisar com profundidade e senso crítico as informações que circulam.

A leitura dos textos que circulam na internet exige do leitor um conhecimento prévio de mundo da era digital, precisa ser atento, conhecer os ambientes de navegação e ter estratégia para fazer uma busca segura das informações que procura, obtendo assim, um resultado satisfatório. Para Kersch (2016) a leitura é membro dos recursos semióticos que são localizados nos textos, bem como o sentido necessário para reavaliação das práticas de conhecimentos que determinam as técnicas multiletradas dos sujeitos ativos, adequados para ampliar formas de pensamento difíceis e colaborativos perante as circunstâncias concordância do dia-a-dia.

Assim, Kersch (2016) elucida que, na era multimodal, a imagem passou a ser considerada como um membro indispensável na reprodução da realidade social, em que só a leitura do texto verbal não é satisfatória para a produção de significados nesse mundo multimodal. A imagem tem sido um elemento imprescindível da representação da realidade social, só a leitura do texto verbal não é suficiente para a produção de sentidos. Deste modo, novos letramentos que dilatam capacidades específicas de leitura de imagens envolvendo outras semioses, ainda de acordo com a autora os multiletramentos que ratifica as diversas esferas sociais e culturais, visto que os textos adotam papéis não só escritos mais em imagem e nas mídias digitais, oferecendo recursos que desenvolva a evolução no processo da leitura e da escrita.

2.2 MULTILETRAMENTO E MÍDIA SOCIAL

O mundo contemporâneo é caracterizado pelos avanços tecnológicos e pelas transformações expressivas nas relações sociais e culturais que se espalham e se compartilham por meio de textos multissemióticos (textos impressos ou digitais) e por meio de uma multiplicidade de linguagens (verbal ou escrita, fotos, vídeos, etc) que são atribuídos aos sentidos inerente as formas de interação entre as pessoas. Dionísio (2006) acredita que os indivíduos devem estar aptos a organizar, a compreender o sentido e o significado dos textos perante as múltiplas modalidades que a linguagem textual apresenta. Como bem lembra Rojo (2013), os textos contemporâneos são multissemióticos ou multimodais, pois exigem novos

multiletramentos envolvendo a linguagem e a mídia, em que a leitura do texto verbal escrito, analógico, não pode dar conta da confusão dos pronunciados atuais.

O termo multiletramentos passou a existir com a finalidade de juntar as atuais alterações alusivas às novas pedagogias do letramento e que se difere do conceito de letramentos por fazer parte da multiplicidade cultural e da variedade das práticas letradas da nossa sociedade referente a semiótica na construção dos textos. Segundo Rojo (2012) os textos deixaram de ser compostos somente por signos linguísticos em continuação linear, e passa a se estabelecer pela multimodalidade que determina o multiletramentos, “ou multissemiose dos textos contemporâneos, [...] compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar”. (ROJO, 2012, p. 19), ou seja, a compreensão e a produção desses textos exigem dos leitores habilidades na leitura.

Kersch (2016, p. 82) enfatiza que,

[..] diversidade de recursos semióticos para compor textos impressos ou digitais é denominada multimodalidade e se insere nas interações pela linguagem oral ou escrita. Mesmo nas mais simples interações face a face, os textos possuem mais de modo de representação, constituindo-se em um conjunto de gestos, expressões faciais, imagens, sons e o texto verbal. A comunicação entre as pessoas na era atual ultrapassa a materialidade da palavra e desenha seu significado com o auxílio de diferentes modos de representação do significado.

Os textos solicitam explicações em múltiplas linguagens, que novas técnicas de letramento são determinadas, destacando a desenvoltura de leitura e da escrita, aumentando assim, o conhecimento de letramento para o multiletramentos, abrangendo a diversidade de linguagens, semioses e mídias responsáveis pela produção de textos multimodais e pela multiplicidade cultural apresentada pelos leitores atuais. Para Rojo (2012) o multiletramentos está relacionado com a heterogeneidade de culturas e de linguagens incorporadas ao nosso cotidiano e em nosso meio social, caracterizado pelo plurilinguismo e pela multissemiose, no qual, é importante fazer uma abordagem pluralista da cultura e da linguagem, levando em consideração os multiletramentos e seus pressupostos.

Na concepção de Rojo (2012, p. 13),

O conceito de multiletramentos aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente as urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituições dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica.

Para a autora, os textos que nos cercam são as combinações de diversas culturas nativas de diferentes letramentos que se diferenciam por preferências pessoais e políticas, onde são elaborados com vários estilos semióticos, e que a produção e o sentido carecem de desenvolvimentos exclusivos para interagir. García-Canclini (2008 [1989]) ressalta que as produções culturais contemporâneas são caracterizadas por textos híbridos, oriundos de diferentes letramentos e de diversos campos, abrindo espaço para novas formas de comunicação privilegiando as variedades de uso da linguagem.

Dessa forma, compreende-se que a linguagem é esquematizada em torno de um contexto, em Kress e van Leeuwen (2006) para dar ênfase na produção de textos, considerando as probabilidades múltiplas de linguagens, tanto o autor quanto o leitor sugerem um estilo semiótico, que envolve as diversidades de leituras e suas combinações de linguagens presente no meio sociocultural. Assim Rojo (2012) destaca algumas características alusivas aos multiletramentos: são interativos (colaborativos); fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos (verbais ou não); e são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas), que estabelecem a urgência de um novo método de arquitetar, produzir e ler os textos. Assim, as práticas de leituras e concepções textuais deixam de serem unicamente linguísticas, e passam a se relacionarem com imagens, cores, sons, e formato das letras, e para interagir com esses novos procedimentos, é preciso que se constitua afinidades distintas no ato de leitura.

Ainda é de Rojo (2013, p. 21) o conceito de que:

Multiletramentos são as práticas de trato com os textos multimodais ou multissemióticos contemporâneos – majoritariamente digitais, mas também impressos –, que incluem procedimentos (como gestos para ler, por exemplo) e capacidades de leitura e produção que vão muito além da compreensão e produção de textos escritos, pois incorporam a leitura e (re) produção de imagens e fotos, diagramas, gráficos e infográficos, vídeos, áudio etc.

A partir do conceito da autora, compreende-se que a prática abordada nos multiletramentos requer uma competência de leitura e escrita mais complicadas que a decodificação e a codificação, especialmente pela complicação multimodal e multissemiótica existente nas linguagens atuais. Ainda assim, a autora enfatiza que o mundo digital e a internet fazem embaralhamento das culturas o tempo todo.

Conforme Hamilton & Barton (2000), os multiletramentos aumentam as estratégias de leitura e de escrita, atendendo assim, as práticas essenciais que estão unidas aos costumes

culturais. Deste modo, a prática pedagógica deve apreciar a grandeza das técnicas sociais envolvendo o estilo da linguagem. Para Lemke (2000) os multiletramentos podem ser lecionados, desde que os educadores e educandos sejam conscientes dos fatores sociais, dos contextuais históricos e culturais que os formam.

2.3 HUMOR E INFORMALIDADE NA PRODUÇÃO DE *FANPAGES* E OUTROS GÊNEROS DIGITAIS

O termo “humor” está presente na vida dos seres humanos e é comum o seu uso como sinônimo de leveza para amenizar a gravidade de temas polêmicos, deixando assim a vida em sociedade mais agradável. O humor é caracterizado pela forma compreensiva de criticar, ajuntado em um lirismo de verdade que, valoriza e critica a realidade ao mesmo tempo sem deixar submergir a sua tonalidade. O humor abrange todos os aspectos das publicações da fanpage em estudo, sendo ele a especialidade primordial na definição para gerar empatia. Para meditar sobre a construção dessa fanpage e a socialização das publicações, precisa-se compreender o conceito de “humor”, tendo na imaginação a existência de uma analogia cultural, que decorre de toda uma produção abordada demasiadamente pela mídia. O humor em que se faz graça com a própria desgraça na tentativa de suportá-la, de torna-la menos dolorosa em seus aspectos grotescos e ao mesmo tempo humorísticos, de certa forma, vem fornecer com a exasperação as diferenças político-econômicas das regiões brasileiras.

Muitos autores, desde Aristóteles (2001), na Antiguidade, às publicações mais contemporâneas, como Bergson (1983) e na atualidade com Hobbes (2002) e Berger (2012) conceituam o termo humor com comédia, riso ou risível, como se o humor só estivesse concretizado a partir do momento que algo passa a ser passível de aspectos do riso. Ainda que a procedência do humor não apresente uma época ou um autor que o traga discussões e que tenha se destacado. Aristóteles (2001) falava que o riso é característica dos seres humanos. Para o filósofo, o riso e o cômico que o humor apresenta, funcionam como uma condição de convivência, tendo uma função igualitária. Bergson (1983, p. 08) “Não desfrutaríamos o cômico se nos sentíssemos isolados [...] O nosso riso é sempre o riso em grupo”. O autor diz que o riso constituiria numa demonstração de inteligência que distinguiria os homens dos animais, já que, se o riso apresenta uma definição social é porque os seres humanos passam para os elementos, para o assunto, algo cômico.

Desde o século XVII, autores como Hobbes [1651](2002) até os mais contemporâneos, como Bergson, (1983) e Berger (2012), acreditam que o humor é próprio do ser humano, e que o riso faz parte de uma paixão desencadeado pela sociedade. Hobbes [1651](2002, p. 51) salienta que “O entusiasmo súbito é a paixão que provoca aqueles trejeitos a que se chama riso”. Na concepção do autor, o humor fica unido a um tipo de paixão, de circulação livre e espontaneidade a qual ele chama de paixão. O autor diz ainda que o exagero de risos diante das pessoas é uma forma de fraqueza, de entusiasmo no trato das afinidades sociais. Entretanto o riso, o humor, a comédia, se adequam como uma invenção social, que se concretiza no e pelo ser humano e que precisa de público para existir.

Berger (2012) ressalta também que o humor é encontrado em qualquer ambiente, seja em filmes, em conversações, nos jornais, nos livros, na rádio, na arte e até em janelas ou portas de banheiros. O autor acredita que não tem como fugir do humor, pois envolve uma série de relacionamentos difíceis e esferas da vida dos seres humanos, que está interlaçado no trabalho, no lazer, na raça, nos grupos sociais, no sexo, na educação ou religião. Assim, por não saber explicar o motivo, Berger (2012) enfatiza que o ser humano se saboreia com a própria adversidade, transformando-as inclusive em humor. Na visão de Berger (2012) o humor dá satisfação ao ser humano, fazendo com que sintam-se bem, até em períodos difíceis.

Ainda na concepção de Berger (2012, p. 156),

O humor é uma força que não respeita ninguém; nada é muito reverenciado ou santo demais para ser ridicularizado, e nada está fora dos limites quando os humoristas os colocam na causa. O humor lança luz sobre nossos segredos mais sombrios, e manuseia o nariz para objetos de nossa maior reverência. Faz paródias humorísticas, ridicularizam e tira sarro do sexo, religião, amor, casamento, filhos, sociedade, política- o nome deles- e vem fazendo isto ao longo da história. [...] Porque o humor é tão onipresente, porque ele desempenha um papel tão grande em nossas vidas diárias, as pessoas tendem a concedê-lo e a adquiri-lo. E, atualmente, nós o dispensamos como um fenômeno relativamente sem importância [...] Mas agora começamos a reconhecer que o humor não só nos diverte, mas também é bom para nós em inúmeras formas.

Na opinião do autor a procura pelo humor se torna mais aberta, já que ao cogitar no humor dificuldades psicológicas, condutas e costumes absurdos as quais o indivíduo encaram com o passar do tempo, divertir-se desses acontecimentos se torna um meio de autoajuda. O humor penetra na ilusão e na imaginação, procurando as probabilidades de circunstâncias difíceis e de combinações de conceitos, porém difere de uma sátira por permanecer angustiado apenas com as aparências cômicas nos fatos imaginárias.

Os autores Jan Bremmer e Roodenburg (2000, p. 21-22) definem o humor como “qualquer mensagem – expressa por atos, palavras, escritos, imagens ou músicas - cuja intenção é a de provocar o riso ou um sorriso. ”. Para os autores o humor pode ser identificado nas expressões simples formadas a partir da realidade, mas que, ao mesmo tempo, pode vir com ironia, um dos elementos que ocasiona o humor e que engenhosamente, esteja relacionado com a capacidade que os indivíduos têm em identificar, admirar ou expressar episódios cômicos, engraçados ou divertida que associam o humor a comicidade.

Para Travaglia (1990, p. 55),

O humor é uma atividade ou faculdade humana cuja importância se deduz de sua enorme presença e disseminação em todas as áreas da vida humana, com funções que ultrapassam o simples fazer rir. Ele é uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico; uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios.

O autor caracteriza o humor como algo que vai além da capacidade de provocar o riso. É uma forma simples e irônica de criticar, de denunciar acontecimentos históricos e contemporâneo, admitindo assim, a divulgação de prazeres contidos pela autoridade social, é uma técnica que o homem adaptou para expor suas revoltas contra a repressão sofrida pela sociedade, foi um método para libertar-se das facetas e das influências quotidianas.

Possenti (2010) enfatiza que o humor é caracterizado por funções e pela simplicidade do contexto, mas para isso,

[...] o humor [...] tem suas regras, seu universo, suas funções. Haverá certamente alguma relação com a realidade, mas construída segundo as regras do humor, análogas às da ficção. Nem retrata, pois não tem pretensões sociológicas, nem prega diretrizes, pois não tem função educativa ou moralizante. Contudo, não deixa de ter algum papel, de retratar à sua maneira os fatos e as pessoas (exagerando-os, caricaturizando-os, ridicularizando-os) [...]. E os leitores ou ouvintes fazem com isso o que lhes der na telha – segundo seus valores e ideologias. (POSSENTI, 2010, p. 179).

O linguista salienta ainda que, atualmente, o humor vem ganhando espaço na mídia, no mundo virtual em forma de fanpages, de tirinhas, de memes, de charges, etc, com o objetivo de satirizar, de denunciar, de expor opiniões, de criticar, mas que seja, ao mesmo tempo, engraçado. Assim o humor é uma construção discursiva que torna possíveis “insultos” menos explícitas e, logo, menos “agressivas”, onde as pessoas aproveitam taticamente para exibirem seus conceitos e críticas, sem parecerem desobedientes, arrogantes. Nessa definição o humor pode fazer o indivíduo rir de se mesmo, como Richter (2007) adverte. Conforme o autor a distinção efetiva dessa forma do riso é a sua universalidade, tornando-o diferente do escárnio.

Ainda Richter (2007),

A universalidade supõe a generalização de toda vituperação particular; o que está em jogo no humorismo, não é, como no caso da crítica burlesca, o indivíduo, mas sim a humanidade. O humor é o cômico da natureza humana, e não de uma individualidade específica: o humorista, em oposição ao cômico, não ri de alguém, mas manifesta um desprezo pelo mundo, onde se inclui a ridicularização de si mesmo. (RICHTER apud MENÉDEZ; CARIGNANO, 2007, p. 2).

Neste sentido, o que distinguiria humor de cômico, para o autor, seria a direção do riso, em que o cômico é considerado como um simples escárnio, o ato de rir de alguém. Já suas orientações a respeito do humor apontam uma aparência que se ratifica em muitas fanpages que é a de depositar o “próprio eu” na finalidade do riso, e ao rir de si mesmo, gerando assim, uma assimilação intensa com o leitor ou com o público.

O humor é um dos elementos que dá sentido a alguns gêneros que circulam no meio digital, como as fanpages, as tiras, as charges e os memes. Gêneros esses, que são facilmente encontrados em páginas criadas no *Facebook*, que têm por finalidade disponibilizar meios de interação e entretenimento voltados especificamente para publicações humorísticas e ao mesmo tempo irônicas, sem se preocupar com as variações e os preconceitos linguísticos que possam estar presentes nesses gêneros digitais que circulam na mídia social. No caso deste trabalho, a página trata de assuntos relacionados à realidade política, cultural e social, e, de acordo com o que se aborda, é possível identificar a qual público almeja atingir.

Em se tratando dos gêneros digitais que circulam nas mídias sociais com finalidades humorísticas e de entretenimento, destacamos os memes, que tem ganhado notoriedade nesse contexto. O que seriam memes? Para Sabbatini (2012), memes são tirinhas de humor que, em referência as considerações denominadas pelo cientista Richard Dawkins, são fragmentos de informação e mensagens que discutem a respeito da vivência e permanência do sujeito no campo cultural. Desse modo, memes não são apenas cópias do conteúdo que circula na internet, eles são reelaborações, respeitando as circunstâncias e as situações sociais habitadas pelo indivíduo. É um método criativo de ganhar e produzir significado para essas formas contextualizando-as, de modo que o sujeito emprega o sentido ao meme, dando significado, consecutivamente, a cada cópia replicada, com o intuito de compartilhar novos contextos e atrair o público.

Sendo um gênero multimodal, o meme brota de múltiplas construções em sua formação, assume vários papéis, podendo ser de fácil reconhecimento e ter uma acelerada divulgação nas redes sociais envolvendo acontecimentos do dia-a-dia do sujeito, em forma de humor, mas com

propósitos argumentativos, (MILNER, 2013). O autor enfatiza ainda que os memes são elementos simbólicos multimodais, passíveis de serem usados como explanação político, cultural e social, uma vez que agrupam códigos da cultura popular. Nesse sentido, os memes podem ser definidos como figuras dramáticas que circulam na rede social *Facebook*, com o intuito de discutir, expandindo, assim, a capacidade de criticar, ironizar, satirizar e ao mesmo tempo apresentar contribuição para o aumento dos letramentos digitais.

Portando uma linguagem lúdica e transgressora, os memes, dada a sua abrangência e popularidade, podem ser utilizados como estratégia de ensino, mais especificamente o ensino de línguas, seja materna, seja estrangeira, considerando-se as diferentes manifestações que pode mobilizar como prática cultural, desde a crítica política, a reivindicação social até o entretenimento propriamente dito.

Coube incluir essa breve explicação, embora o nosso objeto de estudos não inclua o meme como foco de discussão, dando-se mais a título de esclarecimento, visto que a fanpage em estudo pode ser indicada como exemplo de espaço que possua sesse gênero digital em sua constituição. Fazer tal afirmação seria um equívoco, visto que os memes são caracterizados como construções midiáticas que se replicam atingindo vários espaços e interesses de divulgação, o que não acontece com os elementos constitutivos da fanpage Bode Gaiato, como veremos no próximo capítulo.

3 A FANPAGE “BODE GAIATO” NO CONTEXTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

As variações linguísticas estão relacionadas com as formas diferenciada que existem na fala e na escrita. Bagno (2004) diz que a verdadeira língua natural do indivíduo é a oral, é aquela que se aprende com o meio onde o sujeito está inserido e que vive em modificação constante. O autor diz que na língua não existe erro quando ocorre o entendimento, só se pode caracterizar um erro quando a comunicação entre os interlocutores é comprometida. Essa visão revela o caráter democratizante e interativo da língua.

Pensando assim, o objetivo deste estudo é analisar as variações linguísticas de algumas publicações da fanpage Bode Gaiato no *Facebook*, atentando para alguns aspectos como o coloquialismo, a falta de refinamento nos termos linguísticos utilizados, o humor e o regionalismo, típicos da linguagem empregada pelos personagens Bio e Zefa e apresentar a língua e suas variações como formas legítimas de comunicação e interação entre os povos de diferentes culturas, já que a página em discussão é caracterizada por trazer uma linguagem típica do interior do Nordeste.

A pesquisa reunirá as dez melhores publicações do casal Bio e Zefa, sendo essa classificação feita pelo próprio autor da fanpage, o universitário de Recife Breno Melo e atestada pelos internautas. Como a maioria das classificações, funciona como um termômetro da aceitação e dos acessos à página e aparece como destaque (conferido pelo número de curtidas) entre as mais comentadas pelos internautas no mês de dezembro de 2016.

Ao debruçarmos sobre esse estudo, aguçaremos os sentidos na procura do objeto de análise até chegar às ideias já expostas. A escolha se deu em razão da grande visibilidade que essa página tem no Brasil e por conter uma variação linguística muito específica. O volume de textos que circulam nas redes sociais é realmente colossal para o estudioso do assunto. Nesse sentido, a página do “Bode Gaiato” deu materialidade às nossas intenções porque delimita o conteúdo que desejamos analisar, o uso de variações especificamente nordestinas como manifestação cultural. Além disso, cada vez que nos deparamos com uma publicação do Casal Bio e Zefa, surpreendemo-nos com as variações sofridas pela língua tanto quanto com a eficácia na comunicação entre seus interlocutores de forma bem humorada.

O apanhado bibliográfico leva a conhecer e compreender a importância das variações linguísticas presentes nas falas dos sujeitos quando interage, possibilitará a diminuição do preconceito linguístico dos indivíduos, visto que, conforme Bagno (1997), não existe forma errada de fala, mas maneiras diferentes de falar e de se expressar.

3.1 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

O estudo das variações linguísticas, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, envolve o vocabulário e a ortografia, já que o vocabulário é um conjunto de palavras empregadas em uma língua ou em um texto. Os PCNs (1997) asseguram que há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é imposto aos diferentes modos de falar. A aceitação das diferenças nas falas de cada grupo é o que eleva o caráter social da língua e minimiza os preconceitos realçando o valor das interações sociais que se dão em razão da língua para além da norma culta. Como enfatiza Bagno (2007, p. 139) “A variação linguística deve ser estudada/observada como fato social e cultural, considerando as suas riquezas que concebem e a forma reveladora do dinamismo da língua/fala”, importando a variedade e as diferenças que existem entre a fala dos sujeitos.

A opinião do autor é uma resposta positiva de atenção ao princípio democratizante da língua na interação sócio cultural de um povo. A máxima de que a unidade se faz na diferença faz muito sentido quando consideramos a riqueza das formas de comunicação, a linguagem empregada e os usos reais da língua nas diferentes situações, espaços e tempos, assim como explica Calvet (2002, p. 89) quando diz que a variação linguística é “a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado”.

Na intenção de comunicar, o falante procura o modo mais eficiente. Se o significado não é alterado e a estrutura da fala não compromete o enunciado (significante) podemos validar a variação linguística, posto que cumpriu o intento a que se propôs. Paraphraseando Calvet (2002), podemos afirmar que a língua não existe sem as pessoas que as falam, logo as relações que se estabelecem em torno delas são tão importantes quanto a sua estrutura. Temos nesse autor uma crítica ao estruturalismo linguístico que desconsidera o aspecto social da língua. Sua abordagem caminha na contramão de teorias e posições que ignoram a influência da sociedade na língua que usamos hoje, ao tomar a linguística como uma “ciência social”. (CALVET, 1976 *apud* CALVET, 2002, p. 12).

Desde a década de 1960, mediante os estudos de Labov e o surgimento da Sociolinguística, as variações linguísticas vêm sendo intensificadas pelo ritmo das mudanças e adaptações dos gêneros textuais em contextos cada vez mais variados, justificando o caráter social da língua. Na concepção de Labov (1972, 2008) as variações linguísticas estão associadas aos estudos da sociolinguística, seja na descrição, na observação das mudanças ou nas variações

da língua. Bagno (2004) mostra que toda língua se modifica com o tempo, se transforma no espaço e com a circunstância social que o falante se encontra.

A Sociolinguística é de grande importância para a compreensão das variações linguísticas dos sujeitos, visto que mesmo estando inserido em um mesmo país, os indivíduos variam no seu modo de falar. Conforme Fiorin (2015, p. 125) “A sociolinguística pode se ocupar mais em estabelecer as fronteiras entre os diferentes falares de uma língua”. Pensando assim, é por meio da linguagem que expressamos emoções, apresentamos conceitos, socializamos conhecimentos e até mesmo contribuimos para a inclusão igualitária dos sujeitos. Em Labov (1972) podemos dizer que é indispensável pensar que esse procedimento não se dá de modo homogêneo, ou seja, os indivíduos não usam a linguagem de modo similar uns aos outros. Essa heterogeneidade se constitui uma marca indelével dos sujeitos que se apropriam da funcionalidade da língua sem nenhuma preocupação com sua convencionalidade.

Corroborando essa posição Bagno (2004, p. 43) esclarece que a “Sociolinguística, com a configuração teórica e metodológica atual, surge para mostrar que toda língua muda no tempo, varia no espaço e na situação social do falante”, ou seja, as variações da língua, a descrição e as mudanças fazem parte dos estudos sociolinguísticos. Temos nessa discussão o florescer da Sociolinguística para explicar melhor o fenômeno das variações linguísticas e como isso tem alterado a maneira de falar de acordo com o espaço e o tempo. É o que observa estudiosos como Mollica (2003), Mussalin & Bentes (2006) que conceituam e classificam as variações linguísticas.

Em Mollica (2003, p. 9-10) temos as variações como objeto de estudo da sociolinguística:

A sociolinguística é uma das subáreas da linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. [...] A Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação [...].

O conceito apresentado pela autora justifica muito bem a legitimidade das variações linguísticas e o valor que as diferentes culturas agregam a língua. As comunidades de fala imprimem significado e emprestam termos culturais à língua com os quais se identificam. Essa identidade na fala é um aspecto que não deve passar despercebido pelo pesquisador. O contexto social do falante é um celeiro de informações sobre seu modo de falar e se comunicar. Por isso, no momento de classificar as variações é tão importante atentar para os aspectos espaciais, temporais e culturais de onde se nutrem essas variações.

Mussalin & Bentes (2006, p. 34) descrevem que “em uma perspectiva geral, as variações linguísticas partem de dois parâmetros básicos: a variação geográfica ou (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática)”. Assim, Mussalin & Bentes (2006, p. 34) conceituam:

A variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores e que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala.

Na concepção das autoras, esses tipos de variações se tornam evidentes quando se deparam com um falante da região Nordeste e outro da região Sul, em que são atribuídas formas de diferentes vocábulos em alguns substantivos com o mesmo significado, no caso da mandioca que é conhecida no Sudeste por aipim, e já no Nordeste por macaxeira. As autoras destacam ainda que esses fatores variam de acordo com a classe social em que o sujeito está inserido, com a idade, o sexo e a situação ou contexto social.

Essa instrumentalização deve sinalizar os caminhos em busca de um equilíbrio entre a funcionalidade da língua na sua norma-padrão e os seus usos na forma coloquial, que não pode ser confundido com o modo popular, como bem lembra Bagno (2015, p. 318) nem tampouco com os regionalismos impregnados pelas culturas de diferentes grupos sociais. Esse equilíbrio pode estar na superação da visão dicotômica da língua e seus usos, se considerarmos que:

A boa teoria linguística é a que postula uma análise não dicotômica, não discreta, porém em contínuo da realidade sociolinguística de uma comunidade. Um modelo de análise das interações verbais não pode de maneira alguma se reduzir a duas entidades estanques, cada uma delas mesclando e confundindo variação social, estilística e diamésica (fala/escrita), quando se opõe, de um lado, ‘modalidade padrão culta formal escrita’ e de outro, ‘modalidade popular informal coloquial falada’. (BAGNO, 2015, p. 321 - 322).

Essas diferenças devem-se às transformações que ocorrem na língua ao longo do tempo, no entanto, não devem ser vistas como erro e sim como um uso diferente da língua. Quando se trata de falas nas redes sociais essas transformações são ainda mais visíveis. Rodrigues (2002) enfatiza que esses dois tipos de variação ocorrem uma em função do falante, que pode ser chamada de variação dialetal, como variações espaciais (dialetos geográficos ou diatópicos), variações de classe social (dialetos sociais ou diastráticos), variações de grupos de idade (dialetos etários), variações de sexo (dialetos masculinos e femininos), variações de gerações (variantes diacrônicas). E outra em função ouvinte, que pode ser chamada de registro, que passa

a ser variação de grau de formalismo, variação de modalidade (falada e escrita) e variação de sintonia (ajustamento do emissor ao receptor).

A variação linguística na concepção de Bagno (2007, p. 44) “se mostra no comportamento linguístico de cada indivíduo, de cada falante da língua. Nós variamos o nosso modo de fala, individualmente, de maneira mais consciente ou menos consciente, conforme a situação de interação em que nos encontramos”. Nesse sentido, percebe-se que a variação pertence a forma com o sujeito fala, considerando as circunstâncias de interação, sendo que algumas ocorrências podem mudar de acordo com a formalidade da ocorrência, da articulação e compressão desempenhada sobre o sujeito por parte do ambiente e da incerteza de realizar a função comunicativa. Alguns sociolinguístas ressaltam que não tem falante com um único estilo, todo e qualquer pessoa modifica a sua forma de falar, controla mais ou menos o seu desempenho verbal, independentemente de seu grau de ensino, grupo social, (BAGNO, 2015). Desse modo, a variação linguística pode ser considerado como um dos diversos estilos de falar uma mesma língua, relacionados com os fatores e grupos sociais.

Todas essas variações evidenciam questões culturais e sociais relevantes. Se desejamos realmente colaborar com a construção da cidadania que favorece a democracia não podemos desconsiderar o que a pessoa humana tem de mais particular – seu modo de falar. É muito bonito ler e se contagiar com a fala inflamada de Bagno (2015). Ao se referir as diferenças nos modos de falar dos diferentes grupos sociais Bagno (2015, p. 17-18) denuncia:

[...] desconsiderar que os modos de falar de diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares e que denegrir ou condenar uma variação linguística equivale a denegrir e a condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes [...].

A posição do autor é libertadora, suficiente e contagiante, principalmente quando lembramos que somos seres inacabados, em constante construção. Um dia influenciados, no outro somos influenciados pelo modo de falar daqueles com quem nos relacionamos.

Por isso a classificação das variações linguísticas apresentada pelo autor é tão ampla e completa. Bagno (2007, p. 46) classifica as variações sociolinguísticas em cinco tipos:

- I. Variação diatópica – também conhecida como geográfica, é verificada na comparação entre as maneiras de falar de lugares diferentes, como zona rural e zona urbana dentro de um país com falantes da mesma língua.
- II. Variação diastrática – é verificada por meio da comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais, culturais ou níveis de escolaridade.

- III. Variação diamésica – comporta as diferenças entre as modalidades da língua (fala e escrita), para a análise dessa variação faz-se necessário o conceito de gênero textual.
- IV. Variação diafásica – caracteriza-se pelo uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento do comportamento verbal em determinada situação, é conhecida também como variação estilística.
- V. Variação diacrônica – é verificada na comparação entre etapas diferentes da história de uma língua. São analisadas as mudanças de cada época, e geraram muito interesse para os linguistas em razão das línguas mudarem no tempo.

Vale salientar na fala do autor a forma igualmente importante como é tratada cada uma das variações apresentadas, sem valorizar uma em detrimento da outra. Outro fato a se considerar é que existem diversos fatores que motivam as variações linguísticas na forma de falar e de escrever das pessoas. Um desses fatores é o regional, ou seja, as pessoas de diferentes regiões podem apresentar alterações no sotaque ou no vocabulário e, às vezes, até mesmo pronunciar as palavras com um estilo variado, sendo eles regional ou geográfica, como se nota na declaração de Bagno (2007, p. 45-46).

[...] todo e qualquer indivíduo varia a sua maneira de falar, monitora mais ou menos o seu comportamento verbal, independente de seu grau de instrução, classe social, faixa etária, etc. Trata-se de um comportamento que é adquirido muito rapidamente no convívio social, como é fácil verificar observando a variação dos modos de falar das crianças quando se dirigem a outras crianças da mesma idade, a crianças maiores, a adultos familiares, a adultos desconhecidos etc. [...] No caso do monitoramento da escrita, ele vai depender, é claro, do grau de (letramento) do indivíduo, [...]. Uma pessoa que foi alfabetizada, mas não ultrapassou os primeiros anos da escola formal nem criou o hábito de ler e escrever com frequência, certamente não vai dispor dos mesmos recursos de monitoramento estilístico, de alguém que cursou a universidade [...].

O autor diz que o termo variação não é igual, e está relacionado com o modo diferente de falar, o qual nos remete à ideia de algo heterogêneo, assim como o surgimento de variedades, como os diferentes dialetos de grupos específicos. Ainda é de Bagno (2007) a reflexão da construção e desconstrução de nossas concepções que passa necessariamente pela forma como nos relacionamos com o outro. Bagno (2007, p. 36) insiste em dizer que:

A língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído.

A heterogeneidade tão presente na fala de Bagno (2007) é um elemento preponderante na constituição das variações linguísticas, em que a fala passa a sofrer variações, assumindo assim um caráter heterogêneo e que a variedade se torna ainda mais expressiva nas falas de pessoas de classe social diferente. Para Geraldi (1997, p. 50) a “língua é o conjunto das

variedades utilizadas por uma determinada comunidade, reconhecidas como heterogêneas. Isto é, formas diversas entre si, mas pertencentes à mesma língua”. Deste modo, conforme a definição do autor, é evidente que mesmo sofrendo variação, a língua permanecerá desempenhando sua função em uma determinada sociedade, o que não a tornará mais perfeito ou imperfeita que outras. No entanto, quando envolve o ser humano, a homogeneidade é quase inatingível.

Freire (2007, p. 150) salienta que:

(...) é importante termos em mente que as línguas são heterogêneas, não são sistemas perfeitos, prontos, acabados. Pode haver nelas heterogeneidade de origem externa ou interna à língua, e a heterogeneidade de um tipo pode gerar também heterogeneidade do outro tipo.

Para Freire as mudanças existem e que as adaptações são necessárias na vida cotidiana das pessoas, que a língua perde e ganha novas palavras com o passar dos anos, mas sem perder a essência, uma vez que a dimensão na invenção de novas palavras acontece em ritmo acelerado, mais rápido que o desuso de certas palavras. Nesse sentido, “a língua não é um bloco compacto, homogêneo, parado no tempo e no espaço, mas sim um universo complexo, rico, dinâmico e heterogêneo” (BAGNO, 2008, p. 136). Ou melhor, a língua está relacionada com a efetividade existente na linguagem, que a individualidade de seus princípios não é apontada por um ser exclusivo, mas por um grupo social, as tornar um produto do meio.

Assim, Bagno (2007, p. 139) garante que “A variação linguística precisa ser estudada como fato social e cultural, naquilo que ela é na riqueza que representa e como reveladora do dinamismo da língua”. Ou seja, o sujeito não pode deixar de lado as contribuições que a variação linguística, decorrentes múltiplos fatores atribui a língua, no caso, a região que o falante se encontra, a classe social ou o grau de escolaridade, a idade ou a condição de fala do falante, podendo ser formal ou informal, pois o falante varia o modo de se falar de acordo com suas finalidades, habituando-se suas alocações ao receptor, à situação, enfim, à circunstância social.

3.2 A INFLUÊNCIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA PRODUÇÃO DE GÊNEROS DA MÍDIA SOCIAL

É compreensível que a mídia social tem uma capacidade de persuasão, uma vez que ela possui um domínio em influenciar os costumes e os comportamentos das pessoas, definindo o

que carece ou não fazer de suas vidas diárias, além de empregar um palavreado mais popular para poder conquistar a aderência do público. As novas tecnologias proporcionam maiores possibilidades de influência mútua entre os usuários de determinadas redes sociais, geralmente, apesar da veiculação de modismos de linguagem trazidos pela mídia, os meios de comunicação influenciam na valorização da norma culta, ao mesmo tempo em que liga sua técnica cotidiana com as formas linguísticas, garantindo, assim, a comunicação e o sucesso comercial, sem contar que a mídia, efetivamente, conserva uma condição doutrinária, a conservação de um português legítimo, perfeito, formado a partir das gramáticas clássicas, mostrando grande preconceito individualmente com as variedades populares através dos mais variados gêneros digitais.

De acordo com Kersch (2016),

Os gêneros digitais circulam socialmente, proporcionando inovação tanto na produção de novos gêneros quanto na comunicação entre os interlocutores. [...] exigem de seus usuários outras habilidades de leitura, de escrita e de conhecimentos de novos recursos multissemióticos. [...] proporciona aos seus usuários diferentes formas de ler, interpretar e criar esses gêneros digitais (p. 117).

Na concepção da autora, os gêneros digitais carecem de habilidades para produção de textos, e para a decodificação do conteúdo, seja eles impresso ou manuscritos exigem informações e ferramentas adaptadas aos novos meios tecnológicos digitais. Bahktin (2000) enfatiza que as utilizações dos gêneros são de grande relevância para a desenvoltura discursiva dos usuários, amplia a capacidade, as habilidades na decodificação do enunciado, além de colaborar na disposição de produção e de interpretação nos diversos tipos de alocações, de aprender a língua para se proclamar e decodificar as definições culturais entre mais de um sujeito por meio de textos escrito ou oral, que, a partir da mídia social podemos compreender os aspectos de uma linguagem menos monitorizada, pois a mídia apresenta gêneros com linguagens impressivas e emotiva.

Kersch (2016, p. 171) diz que:

Com os avanços tecnológicos e a ampliação do acesso ao mundo digital, é comum que se configurem novos gêneros textuais que atendam às necessidades das pessoas e das instituições sociais. Da mesma forma, também é constante a criação e a evolução de ferramentas que permitam um melhor armazenamento e veiculação das informações, que se propagam em velocidade cada vez maior no meio virtual.

A autora salienta ainda que os meios tecnológicos de informação e comunicação e a mídia social expandem os recursos multimodais transformando a função dos gêneros e as formas de influência mútua entre os interlocutores. “A tecnologia tornou a comunicação fácil e

ágil; e a interação, imediata, [...] (KERSCH, 2016, p. 118). Nesse sentido, seguindo o raciocínio da autora, a mídia social influencia na produção de gêneros e utiliza, na maioria das vezes, uma linguagem impulsiva para noticiar ou relatar de forma que sensibilize o ouvinte sem se importar se o noticiário é verdadeiro ou não. A mídia em geral não passa o que realmente acontece na realidade social, estabelece o que ela arquiteta no espaço público, deste modo, a mídia tem o poder de persuasão, de expor suas visões ideológicas.

Deste modo, a influência da mídia é tanto que vira presumível as modificações do imaginário do sujeito. Assim, ao se fazer uma análise crítica de um tema, reconhecemos a influência dos órgãos dos meios digitais e de comunicação social que interferem na linguagem das pessoas decorrente das variações linguísticas, carregadas, na maioria das vezes de preconceito, como se observa em algumas publicações exibidas nas redes sociais em forma de memes, *fanpages*, charges, etc, que desempenham um domínio nos pensamentos das pessoas e ainda interferem na forma de observar e na reação do indivíduo diante de uma realidade política, social e cultural.

Bagno (2015, p. 17-18) enfatiza que

[...] não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares e que denegrir ou condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligente.

Para o autor, as formas de comunicação entre os sujeitos variam de acordo com o ambiente, e, que diferentes recursos linguísticos incluindo as variações e as mudanças que existente nas falas e na cultura dos falantes diante da mídia social, proporcionam soluções distintas para impedir a prática distorcida de exibir a variação como se ela existisse somente no Nordeste, como se as pessoas que vivem nessa região não fossem capazes de absorver, de entender, compreender a linguagem da mídia, gerando assim, um preconceito entre os falares e o espaço que o sujeito de encontra. Segundo Bagno (2015, p. 114) “os preconceitos linguísticos impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo”, ou seja, a linguagem expõe uma expressividade e cria na mente humana uma reprodução dos noticiários e valores introduzidos nos enunciados que circulam no meio digital, e principalmente, quando são empregados aspectos lúdicos, para atrair o público.

Para Bagno (2015, p, 68)

Como se vê, do mesmo modo como existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões. É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador.

Baseando nas palavras de Bagno (2015), o preconceito faz parte da história dos sujeitos e principalmente na região do Nordeste. É como se as pessoas que vivessem nessa região não tivessem conhecimento de mundo, que não soubesse da existência das regras linguísticas que existem na língua, das variações e o preconceito, que de certa forma, por meio digital, invade a vida e os costumes dos nordestinos. Bagno (2015, p. 21) profere que “[...] uma forte tendência a lutar contra as mais variadas formas de preconceito, a mostrar que eles não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica”. Para a linguística o preconceito tem que ser combatido, que a mídia, ao invés de alimentar o preconceito em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista e em redes sociais era para usar a era digital como um forte aliado contra o preconceito.

Araújo (2009, p. 255) “Aborda o meio digital como um causador de impacto no meio tradicional, e ressalta que o atual contexto do discurso eletrônico é ideal para analisar os efeitos de novas tecnologias emergentes”. O meio digital influencia na produção de gêneros e solicita conhecimentos exclusivos, aspectos da inter-relação do homem/tecnologia, por exemplo, como navegar na internet, acessar sites, visitar links, participar de chats, acessar as redes sociais, enfim, conhecimentos para compreender os aspectos pragmáticos que compõem cada tipo de gênero que circulam na mídia social.

Para Kersch, (2016, p. 131).

As ferramentas digitais [...] aliadas a produção de gêneros, ajudaram os aprendizes no processo de construção de novos conhecimentos, na interação e no desenvolvimento de sua cidadania no mundo digital. As redes sociais auxiliaram [...] os interlocutores no mundo virtual de forma positiva e significativa

Na visão da autora o mundo digital a utilização de meios tecnológicos, foram essenciais para a produção de elementos de aprendizagem, desenvolvimento e divulgação de temas que envolve a sociedade em geral. Bazerman (2011, p. 63) enfatiza que “o gênero tem sido particularmente útil para compreender as práticas discursivas acadêmicas e profissionais, em que enunciados altamente individuais e estratégicos são produzidos de formas bastantes

distintivas e reconhecíveis”. Ou seja, os gêneros que circulam na mídia social influenciam, de certa forma na cultura e nas atuações sociais firmadas na forma particular na linguagem que cada gênero apresenta, pois todo gênero carece ser utilizado de forma apropriada, consideração a cultura e o ambiente em determinadas região, já que eles são flexíveis e se modificam de região para região. E mais, a principal finalidade dos gêneros textuais digitais é cultivar a interação social entre as pessoas, levando em consideração a realidade de cada comunidade.

3.3 “BODE GAIATO”: O CONTEXTO DA PESQUISA

A fanpage o “Bode Gaiato”, que é um sucesso de público na rede social *Facebook* com mais de oito milhões de seguidores, foi criada em 2013 pelo estudante de Engenharia, Breno Melo, natural de Recife (PE), que mora há alguns anos em Caruaru, no Agreste do Estado de Pernambuco. As suas publicações, em forma de tiras humorísticas, têm como principal característica a identificação regional, por explorar uma linguagem informal/coloquial sem se preocupar com a ortografia, já que utiliza, de forma escrita, as palavras como são pronunciadas, destacando, assim, os falares nordestinos. Os diálogos das personagens com semblante de bode são ilustrados por elementos não verbais que, normalmente, exibem galaxias como imagens de fundo pois, segundo Breno Melo, em entrevista ao portal de notícia G1.Globo.com (2013), é para “parecer uma coisa meio ‘noiada’ mesmo”. A expressão usada por Breno tem o sentido de delirante, idiotizada, sem noção. A partir desse entendimento, analisaremos as imagens selecionadas em nossa amostra, a fim de verificar até que ponto sua explicação se confirma.

Em uma conversa de Breno Melo com Maia, Souza e Nobre (2013) a respeito da criação da página, ele salienta que:

De acordo com o administrador da página, em entrevista informal realizada virtualmente, a escolha do bode como personagem principal das publicações foi feita de maneira aleatória, tendo sido o primeiro animal a ser lembrado quando pensou em uma representação para o nordeste. A lembrança, no entanto, pode não ter sido aleatória, uma vez que o bode é um animal bastante festejado no nordeste e, um representante da identidade cultural daquela região. São muitos ‘os causos’ contados a respeito desse animal, além das histórias relatadas através da literatura de cordel e no folclore nordestino. Após a escolha do animal, o administrador da página escolheu acrescentar o adjetivo ‘gaiato’, muito utilizado na região para descrever alguém extrovertido e engraçado. (MAIA; SOUZA; NOBRE 2013, p. 6)

A princípio, o criador da página pretendia fazer publicações relatando as situações diárias na relação do filho Júnior (Junin) com sua mãe (Zefa). Porém, a crescente repercussão, motivada pela aceitação do público instigou à criação de novos personagens, a fim de

enriquecer ainda mais as suas publicações, como o pai de Júnior (Bio), alguns primos, irmãos, entre outros.

Com o propósito de se destacar diante dos gêneros digitais, “memes, tirinhas, charges e fanpages” que circulam na mídia social, especificamente pela internet, o criador se fundamentou em suas experiências de vida, conhecimentos da cultura, costumes nordestinos, da linguagem e dos regionalismos para idealizar as suas publicações, fazendo uma mistura de humor, críticas sociais e a identificação cultural que o indivíduo. Nesse sentido, a ideia de criação, trata, de forma humilde, a cultura de um povo simples, a qual é demonstrada nas falas, nos gestos, nas tradições e crenças, em forma de tiras (fanpage), imagens e frases, que se estima relevante avaliar brevemente para que se adquira evidências atraentes e importantes para a (re)construção de sentidos nas análises textuais fundamentadas na multimodalidade.

Percebe-se que na página “Bode Gaiato”, há reproduções de temas que envolvem todos os aspectos que está em alta na mídia, até mesmo temas com aspectos negativos da religião é abordado em forma de humor, destacando os costumes nordestino. Dessa forma, vale destacar que a página ficou conhecida por se destacar e por sobressair-se diante de diversas páginas de humor presentes nas mídias sociais, por invadir parte da cultura nordestina, mostrando ocorrências que transmitem o conhecimento dos grupos regionais, trazendo marcas expressivas simbólicas da cultura local e fornecendo ao mesmo tempo, aspecto comunicacional. Nesse contexto, Maia, Souza, Nobre, (2013) enfatizam que a página do “Bode Gaiato” usa palavras, expressões, frases e ocorrências/situações típicas do povo nordestino, o que permite não só resgatar e valorizar a cultura local, regional, como também motivar uma intensa assimilação entre os sujeitos que a acompanham, que são espontaneamente ou disfarçadamente participantes, dentro ou fora do ambiente anatômico da comunidade linguística.

O perfil da relação do nordestino, nas alocações publicadas na página “Bode Gaiato, é abonado/apontado por desenvolver um emaranhamento de técnicas de demonstrações da mídia digital. Assim, assegurar que a página virtual “Bode Gaiato” é uma reprodução imaginária da cultura nordestina alude, então, proferir que é promulgada, nesse contexto, aspectos sociais, culturais e noções de comprometimento por meio de representações típicas dos costumes, tradições ou linguagem do povo nordestino. Uma das especialidades dessa fanpage e dos personagens que nela circulam é de gerar o humor, por meio de acontecimentos corriqueiros da vida cotidiana.

Na visão de Sousa e Rodrigues, (2014), as alocações proferidos nos sites de redes sociais é baseado no real, no cotidiano e nos conhecimentos vivenciadas pela sociedade em geral. Deste

modo, podemos perceber que alguns brasileiros, exceto a maioria dos nordestinos, são vítimas do preconceito linguístico envolvendo os costumes e a cultura do Nordeste na mídia social, apresentam problemas/dificuldades para compreender o que está sendo proferido nas conversações publicadas nas redes sociais em forma de memes, fanpages, tiras, etc., pois em alguns casos, o uso de um dicionário informal é de grande relevância para poder decifrar termos típicos da cultura nordestina a qual a página “Bode Gaiato” faz referência.

Assim, na concepção de Bagno (2006) as variações linguísticas se fazem presente a todas as línguas do mundo e a uma multiplicidade de aspectos que a variedade linguística apresenta. Pois a variação linguística padrão é composta a partir de uma prioridade política, ou seja, a partir de quem atém o comando da situação. E recebe ao mesmo tempo, uma ampla valorização social e simulação de instrumento de domínio e status dos sujeitos que a usam, como também um fator de exclusão e preconceito contra as pessoas que não conseguem dominar a língua padrão (BAGNO, 2007). Desta forma, o linguista enfatiza ainda que o preconceito invadir a mentalidade das pessoas de um jeito que, as atitudes preconceituosas passam a fazer parte da vida do sujeito, do próprio modo de ser e de estar no mundo.

Dessa forma, o estudo das variações é de grande relevância em sociedade já que estamos inseridos em um meio social que olha para as variações como um modo incorreto de pronúncia, quando na verdade o não conhecimento a respeito das variações é que provoca preconceitos que aludem a uma fala ou expressão “errada”. Uma reflexão mais aprofundada sobre o tema pode acenar caminhos para a maior aceitação das variações linguísticas e do regionalismo, não como relaxamento do ensino da norma culta da língua, mas como democratização de seus usos sociais para além do ufanismo linguístico que distancia os profissionais do ensino da língua de seus usuários. Pois vale destacar que a finalidade dessa pesquisa é fazer uma análise, trazendo algumas publicações do Bode Gaiato exibida na página do *Facebook*, destacando o humor e o regionalismo presentes nas fanpages em que atuam os personagens Bio e Zefa.

4 UMA VISÃO ANÁLITICA DO CONTEXTO INVESTIGADO

Para fazer essa análise e alcançar os objetivos almejados, delimitamos o nosso *corpus*, a partir das dez melhores publicações do casal Bio e Zefa na fanpage “Bode Gaiato” no *Facebook*. Classificada pelo autor, o universitário de Recife Breno Melo e atestada pelos internautas. Como a maioria das classificações, funciona como um termômetro da aceitação e dos acessos à página e aparece como destaque (conferido pelo o número de curtidas e compartilhamentos) entre as mais comentadas pelos internautas no mês de dezembro de 2016.

Enfatizamos que a escolha dessa fanpage se deu pela grande repercussão e visibilidade de suas publicações, cujos personagens usam uma variação linguística muito exclusiva, que se adequava perfeitamente as nossas pretensões de estudo. A imensidão de textos que circulam nas redes sociais é realmente extraordinária para os estudiosos do contexto. Nesse sentido, a página do “Bode Gaiato” deu ênfase a nossas intenções porque delimita o conteúdo que almejamos analisar, o uso de variações especificamente nordestinas como manifestação cultural. Além disso, toda vez que nos deparamos com uma publicação do Casal Bio e Zefa, nos surpreendemos com as variações sofridas pela língua, tanto no efeito, na forma, quanto na concessão humorada entre seus interlocutores.

A excentricidade, variedade de temas e o volume de suas publicações são tão grandes que dificultaram nossa escolha e nos provocaram de tal maneira que fomos compelidos a observar repetidas vezes até chegar a escolha das classificações mensais feita pelos internautas. A escolha do mês de dezembro se deu em razão do volume de informações que interessavam à nossa pesquisa, pois nesse mês o autor faz uma retrospectiva das melhores publicações do ano. Assim constituiu-se o *corpus* da pesquisa, que está delimitado pelas dez melhores publicações de 2016, em que constam diálogos que se desenvolveram entre o casal Bio e Zefa, demarcados por registros bem humorados de falantes estigmatizados.

Bagno (2007, p. 44) diz que a variação linguística “não ocorre somente no modo de falar das diferentes comunidades, dos grupos sociais, quando a gente compara uns com os outros”. Para o linguista, as variações estão inseridas na forma como o sujeito fala, pois, determinadas situações de influência mútua desempenham e podem modificar a função comunicativa, pois a articulação e interação que é exercida sobre as pessoas faz parte do ambiente em que o indivíduo se encontra.

Desse modo, baseando na concepção de alguns autores, como Bagno (2015), Preti (1930), Yonne Leite (2005), e outros, as variações linguísticas abrangem múltiplos fatores

extralinguísticos que influenciam a modo de falar. Fatores que envolvem as distinções geográficas, históricas, econômicas, políticas, sociológicas, e estéticas conexo com o falante/ouvinte/situação. Assim, essas variações extralinguísticas estão relacionadas com os costumes envolvendo as variações regionais, as sociológicas envolvendo a idade, o gênero, o modo de vida, a classe social e o discurso que influencia na codificação e na decodificação da linguagem, do enunciado.

Deste modo, a variação linguística e a utilização das variedades associadas a norma culta, bem como as variações extralinguísticas estão relacionadas com a mídia considerando os pontos positivos que lhes convém. Nesse sentido, há diversas situações na mídia de forma mais ou menos explícita, corrobora para as diferentes situações que influencia o preconceito linguístico. As variedades que surgem na língua, na maioria das vezes, fogem da norma culta, e aborda temas humorísticos e em alguns casos, expressões pejorativas.

Nesse caso, é intenção da mídia social, principalmente das redes sociais, a invenção/criação de imagem pejorativa, com duplo sentido, com temas do cotidiano, como a cultura, a política, a sociedade em geral, e com uma linguagem variada, típica do Nordeste, e principalmente as regiões rurais, sendo as que mais sofrem com as variações linguísticas carregadas de preconceitos. Desse modo, por meio dos discursos acoplado com as imagens que circulam nas redes sociais, fica evidente a comprovação da existência de atos preconceituosos, pois o preconceito social é mascarado de humor e se esconde por trás das manifestações em uma duplicidade de ações que despreza uma classe em benefício de outra.

Em nossa análise, justificada pela repercussão das imagens escolhidas, como já explicado, por serem as dez mais curtidas, compartilhadas e comentadas, no mês de dezembro de 2016, do casal Bio e Zefa, focaremos nas variações linguísticas destacando o humor e o regionalismo das criações de Breno Melo, nas quais, todas as conversas proferidas pelo casal são marcadas pelo discurso regionalizado e carregado de humor. As figuras retratam a realidade vivenciada pela população nordestina.

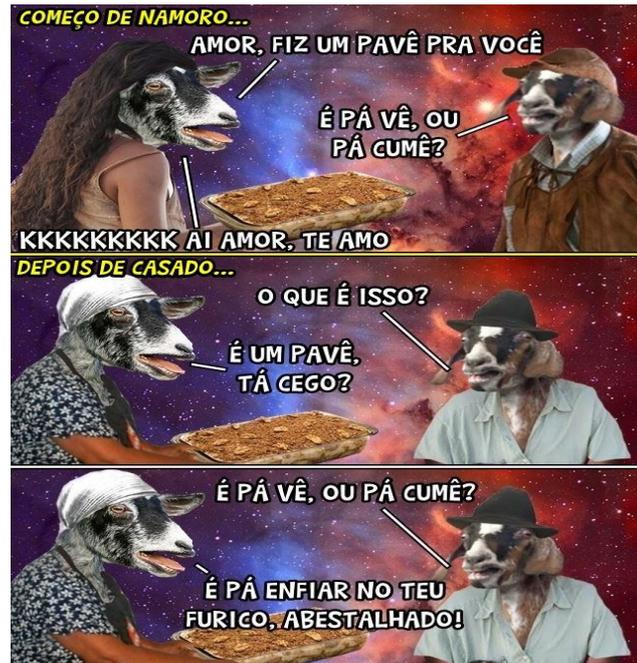


Figura 1:

Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

A figura 1, apresenta um contexto verbal com variações nas falas do casal e não verbal que é formada por uma montagem envolvendo a imagem da cabeça de bodes com o corpo humano, composição habitual da fanpage, como na maioria das publicações, e com plano de fundo uma imagem da galáxia. As cores de galáxia são para parecer uma coisa metafísica, fora do comum e para dar a impressão de algo “maiado”.

Com uma inexplicável repercussão, a figura 1 chegou a 124 mil curtidas, 88,583 compartilhamentos e 11 mil comentários. A princípio, a postagem que é dividida em dois momentos, podemos perceber a presença da variação linguística e da ambiguidade de sentido nos discursos proferidos pelo casal. No primeiro momento, no início de namoro do casal, com a intenção de agradar o namorado (Bio), a namorada (Zefa) faz uma sobremesa e diz: “Amor, fiz um pavê pra você”. Bio, com aquela resposta típica do povo nordestino, dispara: “é pá vê, ou pá cumê”? Em um tom irônico e ao mesmo tempo engraçado. Zefa para ser delicada com o namorado, sem dá muita ênfase a piada do namorado, ignora a expressão com um leve sorriso, diz: “kkkkkkk ai amor, te amo”. Já no segundo momento, depois de casados, fica evidente que as coisas mudaram, ao fazer a mesma sobremesa, Zefa nem se quer oferece ao esposo, mas como Bio é cabido e abestalhado, pergunta: “o que é isso”? Esperando a resposta de alguns anos atrás, mas a resposta foi outra: “é um pavê. Ta cego”? Bio faz a mesma pergunta de algum tempo atrás: “é pá vê, ou pá cumê”? Zefa, que deu tchau a delicadeza, responde: “é pá enfiar no teu furico, abestalhado”? Utilizando uma expressão regionalista.

Nesta fanpage, encontra-se a variação morfológica, que segundo Bagno (2007, p. 40) exibem modificações na forma de como a palavra é escrita, “as formas pegajoso e peguente exibem sufixos diferentes para expressar a mesma coisa”. Temos também um caso de variação diafásica, que acontece “conforme a situação (mais formal ou mais informal) em que está se falando (FIORIN, 2015, p. 122). Em outras palavras, está relacionada com o ambiente e com a forma cultural que o sujeito se encontra.



Figura 2:

Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

Na figura 2, com 93 mil curtidas, 38.270 compartilhamentos e 3,7 mil comentários apresenta variações morfológicas, com um discurso narrativo humorístico e crítico, tanto no contexto como na imagem da televisão antiga em uma banquinha, usada principalmente na zona rural pelas famílias carentes de linguagem e de cultura.

A figura envolve uma reportagem falando que: “estudos revelam que mulheres falam em média 30 mil palavras por dia, enquanto os homens falam 15 mil. Discursos preconceituoso sobre as mulheres”. Mas como Zefa é esperta, justifica imediatamente o porquê que as mulheres falam mais do que os homens, dizendo: “claro, isso é purquê a gente sempre precisa repetir tudo pros homens! Né não Bio”? Discordando do noticiário quando Bio inocentemente olha para a esposa e pergunta: “É o quê”? Pois as mulheres têm que falar e repetir diversas vezes, a mesma

coisa, o mesmo assunto, para que os homens possam entender/compreender o que as mulheres estão querendo dizer, pois eles são desatentos.

De acordo com Possenti (2000, p. 49), “[...] o humor pode ser extremamente reacionário, quando é uma forma de manifestação de um discurso vinculador de preconceitos”. Nesse aspecto, é de suma relevância avaliar e problematizar as expressões humorísticas em forma de piada. Desse modo, elas são, com certeza, um componente de grande valor para diversas áreas do conhecimento, não só no campo linguístico, mas também na esfera social. Isso já que é aceitável, por meio de um gênero, redigir uma análise discursiva e encontrar sistema de ideias e falas pré-elaboradas de ideologias relacionada com a nossa sociedade. Neste contexto, podemos perceber que a nossa sociedade é controlada e administrada por um preconceito, que mediante uma determinação artificial, renuncia os sujeitos da sua personalidade, almejando simplesmente a instância individual.



Figura 3:

Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

Na figura 3, o humor é a principal característica presente na fala do casal no enunciado, já que é feita uma comparação de um dos personagens com um filme de terror, como se o próprio personagem fosse o terror. Segundo Possenti (2010, p.178) “o humor não pretende ser realista nem eficaz. A posição do humorista em relação a uma manifestação [...]”, o autor distingue algumas características relacionado com a fala humorística que, de certa forma, influencia e nos ajudam a compreender os vaivéns de sentidos inerente a linguagem.

A publicação de Breno Melo alcançou 86 mil curtidas, 39,181 compartilhamentos e 3,1 comentários. À luz de uma análise linguística, tendo uma variação de sentido, na primeira interpretação, temos uma ambiguidade de sentido, podendo ter dois tipos de interpretação ou de pensamento quando Bio pede para a esposa lhe indicar um filme de terror e Zefa ironicamente, ela indica do “o reflexo”, o esposo sem entender a piada, pergunta: “e onde eu encontro”? Zefa, para deixar Bio mais encabulado responde: “no espelho”. O esposo ficou como se não tivesse entendido. Assim, pode observar a ambiguidade da palavra “reflexo”, uma alteração sintática que muda de acordo com cada sentido. Na primeira definição exposta significaria o nome do filme. Já na segunda, o reflexo seria a imagem do próprio Bio que o espelho refletiria.



Figura 4:

Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

A figura 4, na elocução proferida pelo casal, tendo o ciúme como tema da publicação, é caracterizada por uma variação diafásica, que, segundo Bagno (2007) está relacionado com a situação de fala e de comunicação, que o sujeito muda o modo de falar de acordo com o ambiente, seja ele, formal ou informal. Nesse caso, a fanpage que obteve 82 mil curtidas, 28,734 compartilhamentos e 4,9 mil comentários, ao abordar humoristicamente a reação de Zefa quando Bio lhe pergunta: “tá cum ciúmes”? E ela não demonstrar fraqueza diante da pergunta supérflua do esposo e lhe responde que não, mas ele não ficou convencido e pergunta

novamente se ela tem certeza, e mais um a vez ela diz que não, e para ter certeza de que a esposa não estava mentindo e querendo, ao mesmo tempo, se aproveitar da situação, ele diz: “apôis me dê um xero”. Zefa não aguentou mais fingir que estava tudo bem e dispara: “vá pedir praquela quenga”!

Diante das palavras ditas pelo casal, percebe-se não só o humor, como também expressões regionalistas. Para Bagno (2007) a diferença regional refere-se a fala particular das diferentes regiões do Brasil, ou seja, o dialeto muda de um lugar para outro, a importância da procedência da linguagem rural ou urbana do sujeito é mais um fator de grande relevância para ser compreendido pelas variantes regionais.



Figura 5:

Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

Na figura 5, os personagens usam uma linguagem sem ter a preocupação de seguir as normas da língua padrão. No discurso, termos redução fonética, o estilo particular de falar do povo nordestino com expressão verbalmente informal e a cultura regionalista repleta de variação linguística.

A fanpage atingiu em poucos dias 82 mil curtidas, 21.183 compartilhamentos e 1,7 mil comentários, deste modo, com a variação de sentido nas falas, torna as elocuições engraçadas, principalmente nas falas proferidas por Bio, a ação humorística nas falas dos personagens é caracterizada intensamente pelo aspecto irônico, que se apresenta como solução para o conflito, Maingueneau (2004). Ainda na concepção de Maingueneau, é competência da ironia ser em

algumas ocasiões insolúveis, o modo como essa tática previne que o coautor determine se o atuante está ou não sendo irônico, inserindo-se aí uma ambiguidade, típica da ironia, que se sustenta no eixo entre o que é adotado e recusado nas alocações.

Em um discurso narrativo, Zefa, ao passar em frente em um bar e ver um ex-namorado, daquele jeitinho que o nordestino gosta, tomando cerveja, tem a ideia de apimentar a relação e deixar o esposo com ciúmes, ela diz: “Bio. num tem aquele cába que tá bebendo ali? / o que ele tem? / há 15 ano ele me pediu em casamento e eu num quis”. Bio dispara, “miserávi...”, gerando uma ambiguidade de sentido, no caso, poderia estar compactuando com a intenção de Zefa, mas logo em seguida Bio reforça o que ele estava querendo dizer com a seguinte expressão: deve tá comemorando até hoje. Ou seja, ele quis dizer que o ex-namorado tinha se livrado do atormento de viver com Zefa e quem queria está comemorando era ele.



Figura 6:

Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

Já na figura 6, com 77 mil curtidas, 31.855 compartilhamentos e 3,2 mil comentários, traz um discurso fantasioso por parte de Zefa, quando ela pergunta para Bio: “Amor. E se eu ficar feia? Se eu ficar triste? E se eu não quiser te ver”? Diante do questionamento da esposa, Bio meio melancólico responde que ficava cego, virava palhaço e fechava os olhos dela se fosse preciso para ambos ficarem juntos, mas Zefa, como não tem nada de besta e querendo se aproveitar do bom humor do esposo pergunta novamente: “e se eu pedir pá tu parar de beber”? Ai bio já não responde como Zefa queria que ele respondesse, e humoristicamente Bio, sem dó

nem piedade, utiliza uma expressão pesada, utilizada no interior de algumas regiões brasileiras ao diz: “aí eu mando tu se lascar”, ele poderia apenas ter dito que não tinha perigo de parar de beber. Neste caso, Zefa conseguiria tudo que desejava, menos que o esposo parasse de beber.

Diante do conteúdo exposto na fanpage, podemos perceber uma linguagem verbalmente com traços literários e com variações linguísticas e morfológica. Pois, conforme Preti (2003, p. 71), “a reprodução dos dialetos sociais e dos níveis de fala ocorre, geralmente, com mais fidelidade, na prosa de costumes, quando a linguagem da personagem é um dado a mais para o autor criar o painel social que nos quer mostrar”. Ou seja, para se entender e compreender os elementos de variações e o modo como a fala ou um texto literário reflete na realidade das pessoas, designando, reproduzindo a heterogeneidade da linguagem e a maioria da sociedade.



Figura 7:

Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

A figura 7, apresenta uma semelhança com as piadas tradicionais, uma narrativa pequena com dois momentos, no primeiro com um mês de namoro, no qual o namorado (Bio) querendo dá um de esperto com a namorada (Zefa) diz: “Môzão, tô cum frio”. Zefa que gostou da iniciativa do namorado e também querendo se aproveitar da situação responde: “oxe, venha cá meu nego que eu lhe esquento”. Já no segundo momentos, que as falas do casal são proferidas depois de casados com o desfecho diferente e uma linguagem mais humorada e ao mesmo tempo, agressiva. Bio fala com poucas expectativas: “Vixe, tô cum um frio da peste”. E Zefa sem dó nem piedade lhe responde: “vá pru inferno que lá é quente”! Neste caso, PCN (2010, p.

5) “a linguagem verbal é um dos meios que homem possui para representar, organizar e transmitir de forma específica o pensamento”.

Nesta postagem, com 77 mil curtidas, 26.731 compartilhamentos e 3,3 mil comentários aborda um assunto corriqueiro no cotidiano de muitos casais, enfatizando que a convivência, depois de casamento e após alguns anos juntos, os problemas, as dificuldades do dia-a-dia começam a fazer com que o casal afastar-se um do outro. Para Freud (1905) existe uma explicação, já que antigamente os casamentos eram arranjos, feito acordo entre as famílias, que na maioria das vezes, os noivos não eram de acordo, passando a existir a ideia de desprezo na relação do casal.



Figura 8:

Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

A situação abordada nessa figura 8, que traz conceito/identidade com costume muito mais nordestino do que caótico, já que trata de um contexto comum e passível na vida qualquer casal. Tendo 59 mil curtidas, 21.266 compartilhamentos e 2,2 mil comentários na publicação de Breno de Melo apresenta um humor ambíguo, já que, nas primeiras falas de Bio tem sentido opostos da segunda fala. Na primeira elocução, é quando Zefa irritada e cansada daquela vida, de ver todos os dias o esposo bêbado, sujo, rabugento diz: “chega! Num aguento mai essas tuas cachaça! Vô mim separar de tu”! É quando Bio, sobre efeito da cachaça, quase se poder falar, diz: “Calma amor! Me perdoe! Prometo que amanhã vô ser um novo homem”. A pobre da esposa fica desconfiada do que o esposo falou e ao mesmo tempo, tem a esperança que tudo aquilo acabasse bem, que a separação não fosse a solução para o fim de seu sofrimento. Mas

como alguns costumes e as atitudes são difíceis de se mudar, no dia seguinte, a mesma cena, Bio bebendo, Zefa, ainda mais irritada, pergunta: “Ôh desgraça, tu num disse que ia ser um novo homem”? O esposo, que não tem nada de ingenuidade, responde ironicamente: “Disse, só que esse novo homem também bebe”.

O humor na última fala de Bio na postagem 8, conforme Possenti (2000, p. 49), “[...] pode ser extremamente reacionário, quando é uma forma de manifestação de um discurso vinculador de preconceitos”. Nessa expectativa, é essencial a relevância de avaliar e problematizar as falas como engraçadas.



Figura 9:

Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

Já na figura 9, penúltima postagem a ser analisada, com 59 mil curtidas, 15.754 compartilhamentos e 1 mil de comentários, traz um dos contextos da atualidade e da realidade de muitos brasileiros, não só da região Nordeste, mas em todo o Brasil, que é o desemprego, a falta de oportunidade. Porém, o que torna o discurso engraçado, é a forma como Bio encara a realidade e as variações linguísticas e morfológico presente no discurso.

Ao chegar em casa, Bio diz: “Amor, eu saí do emprego”. Zefa espantada, lembrando logo a situação que o país se encontra, pergunta e lamenta: “Pur quê hÔmi? Numa crise dessa...” O esposo ironicamente falou para a esposa: “purque um cába lá falou um negoço que eu num gostei”. Preocupada, sem entender o que estava acontecendo, mais uma vez Zefa pergunta:

“Oxe, e ele disse o quê”? E Bio, desconfiado e ao mesmo tempo triste com a situação, fala: “você tá demitido”!

O humor, que se encontra na última fala de Bio, se baseado no argumento de Possenti (2000, p. 82) quando diz que é “através do humor, todo poder constituído é gozado, as teorias perdem a sua pomposidade. Ou seja, o engraçado da piada se dá exatamente na defesa, e no que não pode ser dito, que o humor da piada está na situação. Como bem salienta Orlandi (1999, p. 47): “O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos”. Deste modo, o riso, o humor, o engraçado da piada vem a depende da forma com o sujeito interpreta e da relação com a língua, com a história, diante das concepções discursivas.



Figura 10:

Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

Nesta última análise, na figura 10, é dividida em dois momentos, o primeiro, que equivale ao começo do namoro de Bio e Zefa e o segundo, depois de casados. Com 55 mil curtidas, 23.566 compartilhamentos e 3,3 mil comentários, relata a convivência de um casal em uma narrativa humorística, crítica e carregada de variações linguísticas e morfológica.

No primeiro momento da narrativa, que descreve um episódio do início do namoro, Zefa diz: “Amor, eu tropecei e cai”. Como tudo no início são flores, Bio fala: “Ôh môdeu, a bixinha... machucou? Dêxe eu dá um xero que passa”. Usando uma expressão muito comum no Nordeste quando alguém se machuca. Já no segundo momento, depois de casados, abordando um pouco da realidade de alguns casais por meio de um episódio corriqueiro. Zefa ao se machucar e relatar

para o esposo: “Amor, eu tropecei e caí”. Bio em um tom de agressividade, responde: “Bem feito! Anda que nem uma abestalhada! Presta atenção, misérra”!. Percebe-se que o humor está exatamente nas palavras de Bio, na forma como ele critica a esposa.

Segundo Berger (2012), o humor é de suma importância na convivência entre as pessoas, e dá satisfação ao sujeito, fazendo com que os indivíduos apresentem um sentimento de responsabilidade, por se sentirem preconceituosas diante de alguns episódios, que, em alguns casos, envolve a realidade das pessoas, o ambiente, o lugar e por estarem, de certa forma, auxiliando a vincular certos comportamentos, só por achar um discurso ou uma cena engraçada. O autor salienta ainda que, ver no humor um certo grau de agressividade, uma forma de manipulação pelo meio de um discurso grotesco.

Assim, na análise das figuras destacadas, mostrando situações vivenciadas pelo casal Bio e Zefa, buscamos averiguar o efeito fundamental que determinasse riso, o humor que está inserido em cada publicação de Breno de Melo, dispensando detalhes reflexivos da norma gramatical, presentes nos registros sociolinguístico, social e psicológico. Diante dessas análises, podemos conferir que nos discursos proferidos em diferentes registros da fanpage, foram apresentadas variações linguística, com marcas regionalistas, representando a cultura local, a um grau que ultrapassam os limites dos que vivem uma realidade diferente e expressões irônicas, marcadas pelo humor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa nos permitiu fazer uma análise dos estudos das variações linguísticas em algumas publicações da fanpage “Bode Gaiato”, na rede social *Facebook*, que apresenta características próprias e denota a multiplicidade cultural existente em nosso país, especificamente na região Nordeste. É por meio destas variações linguísticas que temos a liberdade de nos expressar de várias formas, introduzindo-as em diferentes situações sociais, como na construção de textos que estão relacionado na articulação de diversos modos semióticos. Deste modo, averiguamos que os gêneros digitais estão inseridos em todas as ocasiões do nosso dia-a-dia e por meio deles podemos manter a interação com a cultura, os conhecimentos e os costumes de diferentes povos, possibilitando a produção, a relação com vários tipos de textos e identificar as variações linguísticas inserida na fala de várias regiões.

Posto isso, na concepção de Bagno (2013) as palavras passam por alterações com o passar dos tempos, umas não alteram o sentido, mas outras sim, no entanto, essas alterações são inevitáveis, já que somos de um país com inúmeros tipos de variáveis que mudam de uma cidade para outra, e que precisamos ter em pensamento que essas variações linguísticas dependem de muitos fatores e que necessitamos combater o preconceito incluso a certos tipos de alocações que diferenciam algumas regiões de outras. Deste modo, o linguista destaca ainda que, o que é avaliado pela gramática normativa como “erro” para a sociolinguística é analisado como variações da língua, já que a gramática normativa pode padronizar a escrita, mas não pode fazer o mesmo com a fala oral dos sujeitos.

No desenvolvimento do estudo, procuramos respostas para as questões levantadas, bem como a consecução dos objetivos previamente traçados. A pesquisa abordou de forma sucinta as variações linguísticas presentes nas falas e nos costumes utilizados pelo casal Bio e Zefa, na página do Bode Gaiato no *Facebook*, com o intuito de ratificar a importância dessas variações linguísticas inseridas nas falas do casal e o regionalismo apontado através da cultura e dos modos como os personagens em estudo interagem com os interlocutores, na mídia social, de forma que compreendêssemos, de forma mais pontual, alguns fatores relativos a tornar público, numa rede social, especificidades linguísticas que demarcam os costumes nordestinos, principalmente aqueles de quem habita no interior.

Tendo em vista que as construções agregadas na concepção e na formulação dos significados inerente as variações linguísticas que acontecem de forma inconsciente e a concepção discursiva e ideológica na qual o indivíduo está inscrito é um fator decisivo para a

construção dos sentidos, percebemos que o efeito humorístico é altamente individual, comprometendo mais, ou menos, o indivíduo, de acordo com as categorias acusadas no discurso em análise. Nesse sentido, as publicações de Breno Melo usam o humor para trazer à tona contextos que estão presentes no dia-a-dia das pessoas e que, muitas vezes, causam desconfortos na/pela sociedade, em alguns casos, por exemplo, de assuntos relacionados à religião, à cultura, à política, entre outros.

Assim, várias ferramentas de entretenimento são agregadas na elaboração de um discurso humorístico, dando sentidos e interpelando indivíduos como sujeitos sociais. Desse modo, Possenti (2000) enfatiza que, para decodificar um texto de humor, é sucinto mobilizar um conjunto de capacidades que possibilitem a concepção dessa alocação. O mencionado autor ainda assegura que a capacidade para entender os discursos humorísticos está amarrada no domínio de conhecimentos compartilhados no mundo social e um conhecimento semântico-pragmático discursivo.

Deste modo, a análise buscou tratar dos aspectos culturais/regionais e de interferência tecnológica no perfil dos nordestinos, retratados na fanpage em análise. Observamos que os personagens estão integrados virtualmente por uma conexão sociocultural que os ligam e, conseqüentemente, aos hábitos do Nordeste. E compreendendo a ampla repercussão e assimilação que as publicações causam nas redes sociais, a página virtual “Bode Gaiato”, busca adquirir em suas publicações por diversos momentos, um lugar que estimule a reprodução, como também erguem questões de interesse social, procurando estimular o conhecimento e a manifestação do individual e/ou do coletivo. Além disso, observamos alguns aspectos inerentes nas postagens como hábitos, humor, elocução e desejos particulares da região Nordeste, fato que robustece a assimilação e a reprodução ligada a página do Bode Gaiato.

A fanpage em discussão apresenta breves relatos da realidade cotidiana em que o nordestino está inserido, bem como o modo de divulgação e valorização da cultura do Nordeste brasileiro e mais, é uma forma de constituir sinais que identifiquem e caracterizem as analogias nordestinas sobreposta aos fatos linguísticos, os quais permitem o reconhecimento e a identificação com falares característicos da região Nordeste. Apesar de essas elaborações não estarem compactuando com as normas gramaticais, são empregadas por vários tipos de falantes independentemente da região que o sujeito se encontra, do nível de escolaridade ou da classe social a qual pertença o indivíduo.

Destarte, esperamos que a pesquisa venha a contribuir significativamente para a elevação do pensamento crítico e para a tolerância entre falantes e estudiosos da língua,

permitindo aproximar e diminuir a animosidade que permeia ainda situações vivenciadas por alunos, na disciplina de língua portuguesa. Necessário se faz, também, que a sociedade passe a pensar mais sobre a linguagem, mesclada em nosso meio, que as variantes se manifestam conforme o nosso ambiente, bem como o nosso grau de estudo, cabendo-nos então a difícil tarefa de conciliar, mantendo o equilíbrio harmonioso entre o padrão de ‘certo’ e ‘errado’ que tanto é posto no coletivo falante da língua. A compreensão dos diferentes modos de se apropriar da língua pode representar um caminho para a tolerância entre linguistas, gramáticos, defensores da língua culta e os grupos sociais que adequam a língua as suas próprias necessidades e intenções. Diante disso, o professor de língua portuguesa precisa dessa reflexão, caminhar nessa linha tênue que divide o culto do popular, as falas, os usos e a funcionalidade da língua dentro de cada grupo social e seu contexto cultural.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação** / Maria Margarida de Andrade. – São Paulo: Atlas, 2009.

ARAÚJO, Júlio César; DIEB, Messias. (Orgs.). **Letramentos na Web: gêneros, interação e ensino**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília - UNB, 2001.

BAGNO, M. **A Língua de Eulália: Novela Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2004.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?** São Paulo: Loyola, 2008.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARTON, D. & HAMILTON, M. and IVANIC, R. (Eds.). **Situated literacies**. Reading and writing in context. London and New York, Routledge, 2000.

BERGER, Arthur. **An Anatomy of Humor**. New Jersey: Transaction Publishers, 2012.

BERGSON, Henri. **O rico: Ensaio sobre o significado cômico**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1983.

BEZARMAN, Charles **Gênero textuais, tipificação e interação** / Charles Bazarman; Angela Paiva Dionisio; Judith Chambliss Hoffnagel (organizadoras); tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel; revisão técnica Ana Regina Vieira...[et al.]. – São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa – ensino de 1ª a 4ª série.** Brasília: MEC / SEF, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Relatório de análise de propostas curriculares de ensino fundamental e ensino médio. Brasília, DF: MEC, 2010.

BREMMER, Jan e ROODENBURG, Herman (Org.). **Uma história cultural do humor.** Tradução Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000.

CALVET, Louis- Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** São Paulo: Parábola, 2002.

CARIGNANO, Maria Laura Moneta. **As formas do humor.** Copi: um caso argentino. 2007.

COPE, Bill.; KALANTZIS, Mary. (Eds). **Multiliteracies: Literacy learning and the design of social futures.** London: Routledge, 2000.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Gêneros multimodais e multiletramento.** In: KARWOSKI, Acir Mario; GAYDECZKA, Beatriz.; BRITO, Karim; (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, p. 131- 144.

FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística.** São Paulo: Contexto, 2006

FIORIN, José Luiz. **Argumentação.** São Paulo: Contexto, 2015

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente.** Trad. James Strachey. 1905.

GARCÍA-CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade.** Tradução de A. R. Lessa e H. P. Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2008[1989].

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 1997.

HOBBS, Thomas. **Leviatã- ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil.** São Paulo: Editora Martin Claret, [1651]2002.

KERSCH, Dorotea Frank. /Cosvarelli, Carla Viana. / Cani, Josiane Brunetti (orgs.) **Multiletramentos e Multimodalidade:** ações pedagógicas aplicadas à linguagem / Dorotea Frank Kersch / Carla Viana Coscarelli / Josiane Brunetti Cani (orgs.) Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

KRESS, G. R. e van LEEUWEN, T. **Reading Images:** a Grammar of Visual Design. Londres: Routledge, 1996.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal Discourse:** the modes and media of contemporary communication. London: Arnold; New York: Oxford University Press, 2001.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, [1972] 2008

LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: 1999.

LEITE, Yonne. CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

LEMKE, Jay. **Letramento metamidiático:** transformando significados e mídias. Rev. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas: Unicamp, vol. 49, n.2, Jul./Dec. 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação.** Tradução de Cecília P. de Sousa e Silva. São Paulo: Cortez: 2004.

MACIEL, João Wandemberg Gonçalves. **Internetês:** variação linguística ou modismo computacional? Disponível em: <http://gehaete.uepb.edu.br/trabalhos/2008/ago/1.pdf>. >Acesso em: 20 de julho 2017.

MAIA, Laís Farias; SOUZA, Élmano Ricarte de Azevêdo; NOBRE, Itamar de Moraes. A Identidade Cultural Nordestina em “Bode Gaiato” **Revista Comunicação Cultura e Sociedade. n.02, vol. 2, ed.Jan-Jun , ano 2013.**

MARENCO, A. R. de L. **Questões de leitura multimodal no ensino de Língua Inglesa:** Paralelo entre o livro didático e o Exame Nacional do Ensino Médio–ENEM. Campina Grande, 2014. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação Linguagem e Ensino), Universidade Federal de Campina Grande.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gênero textuais emergentes no contexto da tecnologia digital.** In: Xavier, Antonio Carlos e Marcuschi, Luiz Antonio (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido.** São Paulo: Cortez, 2010.

MARKMAN, Luna. **Bode 'gaiato' criado por recifense vira mania e atinge multidão de fãs na web.** Disponível em: < <http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2013/05/bode-gaiato-criador-recifense-vira-mania-e-atinge-multidao-de-fas-na-web.html>>. Acesso em: 31 de agosto de 2017.

MENGA Ludke e Marli E. D. A. André, **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** Editora EPU, Rio de Janeiro, 2004

MILNER, R. **Pop polyvocality: internet memes, public participation, and the Occupy Wall Street Movement.** International Journal of Communication, 7, 2013.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2003.

MUSSALIN, Fernanda & Bentes, Anna Cristina (2006). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras.** São Paulo: Contexto

ORLANDI, E.P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, SP. Editora Ponte, 1999.

POSSENTI, S. **Os humores da língua: análise linguísticas de piadas.** Campinas: Mercado de Letras, 2000.

POSSENTI, S. **Humor língua e discurso – São Paulo : Contexto, 2010.**

PRETI, Dino. **Sociolinguística- Os níveis de fala.** São Paulo: Nacional, 1930.

ROJO, R. **Pedagogia dos Multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola.** In: ROJO, R. e MOURA, E. (Org.) **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. (Org.) **Escola Conectada**: os multiletramentos e as TIC. São Paulo: Parábola, 2013.

SÉ, E. V. G. **Tecnologia**: manuais de aparelhos devem ter linguagem multimodal. Portal Vya Estelar, 2008. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/vyaestelar/multimodal.htm>. >Acesso em: 30.julho.2017.

SABBATINI, Marcelo. Rebelião das Massas digitais à luz da Folkcomunicação: choques culturais na era da convergência digital. In: **A folkcomunicação no limiar do século XXI**. FILHO, Boanerges Balbino Lopes; FERNANDES, Guilherme Moreira; COUTINHO, Iluska; MENDES, Marise Pimentel; OLIVEIRA, Maria José. (orgs.). Juiz de Fora: EFJF, 2012. p. 65-75.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1972.

SHIFMAN, L. **Memes in a Digital Culture**. Cambridge: The MIT Press, 2014

SOUSA, Laís Coelho de. RODRIGUES, Adriana Alves. **A representação cultural do Nordeste nas redes sociais**: uma análise da fanpage “Bode Gaiato”. Ano X, n. 07 – Julho/2014 - NAMID/UEPB – Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>>. Acesso em: 02 julho de 2017.

TRAVAGLIA, L. C. **Uma introdução ao estudo do humor pela linguística**. D.E.L.T.A, v. 6, n. 1, 1990, p. 55-82.